

"Educação pública: reflexão e diálogo entre a escola e a sociedade". Com este tema central, o 19º Congresso do SINPEEM pretende debater a importância da gestão participativa na educação pública, para que possamos encontrar soluções concretas para a precarização do ensino.

Durante os quatro dias do evento, no Palácio das Convenções do Anhembi, serão apresentados um painel e 47 palestras, que abordarão os mais variados temas.

Para maior aproveitamento das palestras, os congressistas têm à disposição as sinopses do que será apresentado nos quatro dias de atividades.

### *A DIREÇÃO*

**CLAUDIO FONSECA**  
*Presidente*



*Obs.: os textos e a revisão dos mesmos são de EXCLUSIVA responsabilidade dos autores.*

*Até o fechamento deste caderno alguns palestrantes e participantes não haviam entregado suas sinopses, o que impossibilitou a publicação. Por este motivo, não haverá impressão destes textos para o 19º Congresso.*

## PAINEL

Educação pública: reflexão e diálogo entre a escola e a sociedade -----	5
Diálogo entre sociedade e educação: a busca de uma nova utopia -----	6
Relação escola sociedade em perspectiva de mudança -----	7

## GRUPOS DE INTERESSE

O preconceito em foco -----	8
Educação em uma cidade multicultural e pluriétnica -----	9
Saberes e práticas voltadas para o cognitivo, o afetivo, o social e o cultural -----	10
Práticas educativas voltadas para o cognitivo, o afetivo, o social e o cultural -----	10
Consciência democrática: aprender a fazer escolhas -----	11
Conviver em harmonia e sintonia -----	12
Será que a escola consegue ensinar? -----	13
Limites e disciplinas na educação infantil -----	14
Perfil da equipe gestora educacional: do ideal ao possível -----	16
Quais as principais mudanças ocorridas no mundo e quais as consequências na educação? -----	18
Limites para crianças especiais -----	19
Tecnologias: o que você ainda não aprendeu e precisa aprender -----	20
Crianças de seis anos na Emef: um jogo para além da alfabetização -----	21
Cultura e tradição popular nas escolas -----	22
O atendimento ao público na área educacional - do portão à sala de aula -----	24
Qualidade na educação infantil: o que pensam os interessados? -----	25
Práticas pedagógicas e tecnologias na inclusão de alunos com necessidades especiais -----	25
De olho na saúde e na educação -----	27
O abuso do álcool, o culto ao corpo e a falta de perspectivas: o que está acontecendo com nossos jovens?	
O que a escola pode fazer? -----	28
Relato da cidade de Ipatinga (MG) - Gestão de pessoas -----	29
Relato da cidade de Itanhaém (SP) - Projeto Nenhum a menos... Alfabetização, direito de todos -----	30
O professor está doente? -----	31
Uma nova geração, uma nova pedagogia -----	32
Conceitos e conflitos relativos à cultura oral e escrita -----	32
O feminino na educação: o papel do coração no tempo da razão -----	34
Direitos humanos, a cidadania, justiça e paz: vias de mão dupla -----	36
Sem limites para aprender - o educador da contemporaneidade -----	37
Múltiplas linguagens - múltiplas alfabetizações -----	38
Bebês: cuidar e educar -----	40
Escritores e leitores não nascem prontos -----	41
A dimensão cultural e social do conhecimento matemático -----	43
Novas tendências no ensino de ciências -----	44
Novas tendências no ensino de história -----	46
Qual língua estrangeira estudar? -----	48
O resgate de uma educação com alma -----	49
Que educador a sociedade espera? -----	51
Educação física: contribuições para a formação da humanidade -----	52
Medicalização das dificuldades escolares: um alerta para os professores -----	54
O direito humano dos jovens e adultos à educação -----	55
Relato da cidade de Goiânia (GO) - Formação continuada dos profissionais de educação -----	56

# Painel

**DIA 04/11 - 9h30 ÀS 12h30**

## *Educação pública: reflexão e diálogo entre a escola e a sociedade*

### **Os pais e a escola pública: participação, senso crítico e expectativas**

\* Nilson Vieira Oliveira

Parte integrante do programa Reforma do Ensino Público, conduzido pelo Instituto Fernand Braudel, esta pesquisa resultou das 840 entrevistas com pais de alunos matriculados nas escolas públicas das redes estadual e municipal, do ensino fundamental e médio de São Paulo.

As entrevistas, feitas no segundo semestre de 2007 e que duravam em média 80 minutos, permitiram identificar as principais preocupações dos pais em relação à vida escolar presente e às expectativas sobre o futuro educacional dos filhos. Também apurou as notas atribuídas pelos pais aos professores, às escolas e autoridades. Avaliou quais os atributos mais valorizados pelos pais nos professores e nas escolas e suas percepções sobre problemas como a violência e a desordem nas escolas, o absenteísmo, os baixos salários dos professores e os investimentos públicos em educação.

Foram questionados sobre a avaliação que fazem de temas controversos entre educadores, como a progressão continuada, o uso da Internet, o tempo ideal, o número mais adequado de alunos por sala de aula e o conteúdo das reuniões dos professores com os pais.

Recortes estatísticos por faixa etária, grau de escolaridade e renda permitiram identificar comportamentos e níveis de envolvimento distintos dos pais com as escolas e os professores. Pais de alunos dos

primeiros anos escolares mostraram participar mais ativamente da vida escolar do filho, independentemente dos anos de escolaridade.

Os entrevistados mostraram elevado interesse em acompanhar e tomar conhecimento dos resultados da escola dos filhos nos exames de avaliação escolar. Ao contrário da percepção disseminada entre acadêmicos, educadores e lideranças cívicas, foi relevante a proporção de pais conscientes dos problemas da qualidade do ensino e que poderiam exercer maior pressão política sobre aos eleitos e cobrar mais das escolas e dos professores.

Novas formas de envolvimento devem ser empreendidas, acompanhadas por uma mudança na visão, por vezes excludente, de educadores e lideranças acerca da capacidade e relevância do papel dos pais, independentemente do seu nível de ensino ou renda.

São muitos os pais pobres e semi-iletrados que reputam elevada importância ao ensino como mecanismo de mobilidade social para os filhos. Coerentes com tal importância, os pais valorizam enormemente a figura e o papel dos professores que, por sua vez, precisam saber corresponder a tais expectativas.

\* Nilson Vieira Oliveira, economista (PUC/SP), MBA (BBS) e diplomado pela Escola de Governo/SP. Coordenador e pesquisador do Instituto Fernand Braudel, tem atuado em pesquisas de campo sobre educação e segurança pública e democratização das oportunidades e do consumo na periferia. É organizador e co-autor do livro "Insegurança pública - reflexões sobre a criminalidade e a violência urbana".

# *Diálogo entre sociedade e educação: a busca de uma nova utopia*

\* **Hélio Amorim de Oliveira**

A crise que permeia o mundo de incertezas, dúvidas e desespero aponta a necessidade de se criar uma nova utopia para a humanidade. Estão faltando rumo e direção. Estão faltando referenciais. Há, porém, uma visão crítica sobre o que sobrou e a possibilidade de unir a sociedade em torno de uma nova utopia: a educação para um mundo sustentável.

O século XX foi marcado pela luta entre dois modelos de Estado e dois modelos de sociedade: de um lado, o capitalismo; do outro, o socialismo. Tínhamos dois modelos de escolas: um defendia valores e interesses do capitalismo; o outro, valores e interesses do socialismo. Havia como comparar, fazer relação. O modelo capitalista desenvolveu, de forma mais enfática, dois tipos de educação escolar: uma para a elite e outra para o "povão". O problema da elite política e da elite econômica foi sempre o que fazer com o povo. Entretanto, nenhum modelo - capitalismo ou socialismo - levou em consideração a interação entre o ser humano, a sociedade e a natureza no processo de desenvolvimento e produção de riqueza. Houve, sim, uma desintegração.

O modelo industrial e a forma de se produzir riqueza foram destruindo o meio ambiente, sem levar em consideração que é a natureza que sustenta a vida. Além disso, as novas idéias liberais que surgiram a partir da década de 70, o neoliberalismo, propondo a minimização do Estado e o fortalecimento da economia de mercado, conduziram a sociedade para um desastre, revivendo a crise de 1929.

Pela primeira vez, na história mundial, a instituição escolar tem a possibilidade real de se libertar da pressão da elite econômica e da elite política e dialogar com os segmentos organizados da sociedade sobre a necessidade de uma nova utopia que leve em consideração:

1 - a relação ser humano, sociedade e natureza fundamentada numa ética planetária;

2 - a parceria do Estado com a sociedade, para promover a melhoria da qualidade de vida da população;

3 - o conhecimento e a informação como elementos fundamentais para o desenvolvimento humano e a produção de riqueza.

Este diálogo propicia à instituição escolar a experimentar uma nova cultura na forma de gestão, de organização do currículo e de avaliação: introduzir uma gestão democrática, participativa, fundamentada em novos valores.

**Hélio Amorim** - professor na Faculdade Magister e na Unifital, funcionário da FDE. Atua nas áreas de educação, política e comunitária.

# *Relação escola sociedade em perspectiva de mudança*

\* **Jair Militão**

É sabido que em nosso país as políticas públicas de educação, em sua execução concreta, oscilam entre duas grandes tendências, que podem ser identificadas como aristocrática e democrática. A história escolar brasileira demonstra a presença dessas tendências e seus resultados apontam para uma maior ou menor presença da valorização de um elitismo social ou de uma democratização do conhecimento e dos bens e serviços produzidos.

Um projeto pedagógico de uma unidade escolar supõe a existência de protagonistas para sua criação e sustentação. Supõe também a clara busca de solução de um ou mais problemas e o critério de organização das ações deve ser o interesse do usuário da escola.

A autonomia da unidade escolar tem como horizonte a possibilidade de um atendimento contextualizado às demandas concretas da população a serem atendidas pela escola e isso é uma necessidade em uma sociedade como a nossa, com tantos contextos socioculturais específicos, por vezes em uma mesma cidade. Daí a necessidade de um projeto pedagógico com identidade própria de cada unidade escolar, construído pelo sujeito coletivo condutor da escola, com-

prometido com a melhoria da qualidade de vida humana coletiva da população abrangida.

A busca de uma sociedade mais humanizada, menos violenta, com mais justiça e equidade pede uma colaboração decidida dos educadores em seu trabalho de escolarização.

**Jair Militão** - professor associado aposentado da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp). Livre docente em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), doutor em Educação pela Feusp, mestre em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), professor e pesquisador no Programa de Mestrado em Educação da Universidade Cidade de São Paulo (Unicid).

# Grupos de interesse

**DIA 04/11 - 14h30 ÀS 17h30**

## *O preconceito em foco*

\* **Antonio Sampaio Dória**

O que é o preconceito? Embora este seja um tema de importância crucial para o aprendizado da convivência em sociedade, ele é pouco entendido. O fato de ter sido incluído nos PCNs como parte dos temas transversais não bastou para que fosse abordado de forma conseqüente, dentro de projetos educacionais inter-disciplinares.

O motivo está na complexidade do tema. Procuramos mostrar, em primeiro lugar, que o preconceito é criado juntamente com outros valores sociais, e com aquilo que chamamos de ideologia: um conjunto de imagens e conceitos/idéias que, antes de qualquer outra coisa, justifica o sistema de poder adotado por aquela sociedade. O sistema de poder exclui a maioria dos atores sociais do seu núcleo e o faz de forma duplamente eficaz: não só os priva de uma série de direitos, como reforça imagens negativas (estereótipos) sobre esses indivíduos, justificando os mecanismos de dominação. É dessa forma que se pode explicar a escravidão, por exemplo.

Nos dias de hoje, enfrentamos, como em qualquer época, variados preconceitos. E como levar o espinhoso tema para a sala de aula? A resposta é simples: em primeiro lugar, quebrando o silêncio que existe em torno dele. Existem inúmeros títulos de ficção, para a criança e o jovem, que abordam o tema de forma clara. O professor não precisa ser um "expert" no assunto: basta conhecer a obra. E a obra de

arte, sabemos, tem o poder de gerar tanto uma resposta imediata - uma discussão, digamos - quanto uma conscientização em longo prazo, contribuindo para a formação do indivíduo.

A literatura reproduz a vida. E, como a vida, também tem seus impasses, seus altos e baixos. Reconhecemos seu poder transformador, mas por outro lado precisamos tirá-la do pedestal, às vezes, para perceber que ela também reproduz mecanismos sociais e também pode manifestar preconceito. Em outras palavras, devemos reconhecer que nem toda obra é uma "obra-prima". Ser um leitor crítico faz parte do processo de aprendizagem. Sendo genial, ou não, a obra literária cumpre o seu papel. Examiná-la, compreendê-la, deixar-se envolver pelos seus encantos e perceber suas eventuais falhas, para então dividir essas descobertas com os jovens leitores: esse é o nosso papel.

\* **Antonio Sampaio Dória** - autor de "O preconceito em foco: análise de obras literárias infanto-juvenis - reflexões sobre história e cultura", Editora Paulinas, 2008; e "Um amigo inesquecível", Editora Atual, 5ª edição. É professor de Língua Portuguesa e de Língua Inglesa no ensino superior e em escolas de idiomas.

# *Educação em uma cidade multicultural e pluriétnica*

\* **Diamantino Fernandes Trindade**

A cidade de São Paulo é uma grande metrópole onde encontramos uma significativa diversidade cultural, étnica e religiosa, que recebeu fortes influências da etnia, cultura e religiões provenientes da África, dos povos indígenas e dos contingentes de imigrantes dos cinco continentes.

As salas de aula de todos os níveis de ensino estão permeadas por essa rica e saudável diversidade. É importante que o educador tenha em mente que não ensinamos apenas Português, Matemática, Ciências, Artes etc. Ensinamos pessoas. Respeitar as convicções políticas, culturais e religiosas dos nossos alunos é o ponto de partida para que todos possam aprender dentro do seu próprio contexto de vida, independentemente da etnia e da sua cultura pré-existente.

O educador que se limita a ensinar os conteúdos de sua disciplina, se esquecendo que os alunos interagem diariamente com os fatos que ocorrem no mundo, no seu país, na sua cidade, corre o risco de não perceber o educando de forma interdisciplinar, em totalidade. Vivemos momentos de transição, de questionamentos, uma época em que nossos saberes e nossos poderes parecem estar desvinculados. Mais do que isso, o saber atual fragmentado se dispersou pelo planeta e o centro dessa circunferência, que antes era ocupado pelo homem, se encontra, agora, vazio.

O fantástico desenvolvimento que ora vivenciamos também trouxe uma preocupante carência de sabedoria e introspecção. Fruto de conhecimento e existência fragmentados e alienados, a humanidade assiste, perplexa, à crise do próprio homem. Esse saber especializado, distante da vida, sem proveito, se interessa por tudo, menos pelo essencial: a essência da vida. Ao descobrir e simplesmente descrever fatos que não pode explicar, projeta o homem em um vazio de valores.

O resgate do ser humano com a síntese já se faz

presente em diversos setores da sociedade contemporânea. Novas realidades se apresentam aos educadores, em que nada tem significado isoladamente; tudo depende do todo.

Os desafios estão sempre presentes para aqueles professores que optam pelo caminho da ruptura com o velho paradigma. Vivenciar os novos paradigmas educacionais significa um constante desconstruir e construir para não fragmentar novamente o todo, para não romper a teia do conhecimento e da vida.

\* **Diamantino Fernandes Trindade** - doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), mestre em Ciências pela City University Los Angeles, especialista em Estudos Brasileiros pela Universidade Mackenzie, pedagogo pela Universidade Nove de Julho (Uninove), professor dos cursos de pós-graduação e licenciatura do Cefet-SP, pesquisador do Grupo de Estudo e Pesquisa em Interdisciplinaridade da PUC-SP e autor de livros sobre educação e cultos afro-brasileiros.

# *Saberes e práticas voltadas para o cognitivo, o afetivo, o social e o cultural*

## **Como me constituí professora: explicitando o implícito**

**\* Laurinda Ramalho de Almeida**

A partir da trajetória profissional da expositora em vários níveis de ensino serão identificados alguns incidentes críticos que levaram à construção de seus "saberes e práticas voltadas para o cognitivo, o afetivo, o social e o cultural". Esses saberes passaram a fazer parte de sua identidade profissional, na apropriação dos requisitos básicos necessários para a atuação docente, no refinamento das habilidades de relacionamento interpessoal e da capacidade de avaliar criticamente suas experiências pessoais e profissionais.

Para incidente crítico é aceita a conceituação de Peter Woods (1993): "...momentos e episódios altamente significativos que têm enormes conseqüências para o desenvolvimento e mudanças pessoais. Não são planejados, antecipados ou controlados. São fla-

shes que iluminam fortemente alguns pontos problemáticos... São essenciais na socialização de professores e do seu processo de desenvolvimento, dando-lhes maior segurança em sala de aula."

A abordagem teórica que articulará a teorização sobre os episódios identificados é a teoria psicogenética de Henri Wallon, por ser este um autor que propõe a integração organismo/meio (meio entendido como social e cultural) e entre os domínios funcionais da pessoa (afetividade, cognição e ato motor).

Será priorizada a rede de relações que se estabelece no contexto escolar e, como esta configura, o modo de ser professora.

**\* Laurinda Ramalho de Almeida** - pedagoga pela USP, mestre e doutora pela PUC-SP. É docente no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da PUC-SP e coordenadora da linha de pesquisa "Contribuições da abordagem walloniana para a educação".

# *Práticas educativas voltadas para o cognitivo, o afetivo, o social e o cultural*

**\* Luís Carlos de Menezes**

As dimensões cognitivas são tão dominantes como o objetivo da nossa escola básica, que talvez nem precisassem ser enfatizadas. Mas não é demais lembrar que sequer esta formação seria garantida se as práticas formativas para ela estiverem fundadas meramente no discurso de quem ensina e não nas atividades de quem aprende.

A mais importante razão para serem explicitadas as competências associadas aos conhecimentos promovidos, por exemplo, aquelas destacadas no Enem (de domínio de linguagens, de compreensão de fenô-

menos e processos, de enfrentamento de situações-problema, de construção de argumentações e de elaboração de proposições solidárias) é dar contexto a muitos dos conhecimentos que, de outra forma, chegam a carecer de sentido.

As dimensões sócioafetivas somente encontram centralidade entre os objetivos da educação infantil e costumam ser esquecidas nas demais etapas escolares, ou unicamente lembradas como meio e de forma completamente lateral, quando envolvidas em metodologias e recursos didáticos. O descaso pelos aspectos sócioafetivos na formação de crianças e jovens tem resultado em depreciação de valores em sentido



geral, por exemplo, na dificuldade que a escola tem tido para lidar com a violência e a competitividade predatória, assim como tem levado à aversão a certas disciplinas, cujo ensino tem, frequentemente, resultado em perda de auto-estima de muitos alunos.

A promoção da dimensão cultural do aprendizado tem dois componentes nitidamente separados. Um deles é o da cultura geral, presente nos conteúdos de cada disciplina, próxima da dimensão cognitiva, mas reduzida à transferência de informações como "cultura dos outros". Uma forma de evitar isto é enfatizá-la com uma visão envolvente e mesmo apaixonada de certos aspectos de várias disciplinas, como ao se valorizar uma apreciação da cosmologia, da biosfera e da aventura humana na história universal, vista

através da literatura e das artes cênicas.

Outro componente é a vivência cultural na escola, nas práticas de artes coletivas como o teatro e a dança, de esportes e de engajamento social, vivência que quando promovida é muito apreciada, mas, lamentavelmente, tomada como mero lazer e classificada como de "atividade extracurricular". Isto é um equívoco que precisa ser revisto e reconhecer o seu sentido curricular pode contribuir para restituir a sua importância, hoje pouco reconhecida.

\* **Luís Carlos de Menezes** - físico e educador da Universidade de São Paulo (USP), colunista da Revista Nova Escola, membro do Conselho Técnico-Científico da Capes/MEC para Educação Básica, autor e organizador de livros sobre física, formação de professores e a universidade no Brasil.

## *Consciência democrática: aprender a fazer escolhas*

\* **Marcus Ianoni**

O tema será abordado com base em algumas dicotomias que possibilitam visitar conceitos e idéias clássicas do pensamento político como público x privado, liberalismo x democracia, cidadania restrita x cidadania ampliada, natureza humana: bom selvagem (Rousseau) x homem como lobo do homem (Hobbes); ética em Kant x ética utilitarista e cooperação x competição.

A visita a estes conceitos tem como objetivo inserir a discussão da consciência democrática nas grandes matrizes teóricas e filosóficas que acompanham a formação histórica da modernidade. Tal inserção permitirá visualizar melhor dilemas e tendências atuais que desafiam a humanidade neste contexto de globalização liberalizante, no qual emergem forças hegemônicas e contra-hegemônica, com concepções e valores diversos sobre indivíduo, cidadania, liberdade, justiça, democracia, participação, direitos, deveres, Estado, sociedade civil, políticas sociais, política educacional e assim por diante.

A natureza humana é, como consideram os realistas, imutável, propensa ao egoísmo, à competição,

à desconfiança, à guerra de todos contra todos? Ou a natureza humana seria tal qual pensada por Rousseau, para quem o "bom selvagem" é corrompido moralmente desde o surgimento da propriedade e da sociedade civil nela alicerçada? Quais são os limites e possibilidades de uma ordem social ultracompetitiva enquanto meio e fim do desenvolvimento da sociedade humana? Inversamente, quais são os limites e as possibilidades de arranjos sociais cooperativos para fazer frente às fortes tendências de exclusão social, egoísmo e barbárie? O que é liberdade? Que relações a liberdade tem com a "necessidade"? O que é liberdade de escolha e como ela pode se relacionar com o desenvolvimento? Qual a diferença entre crescimento econômico e desenvolvimento econômico? Que relações há entre consciência democrática e cultura democrática? Democracia é um regime político ou um padrão de sociedade? Como promover uma educação para a democracia?

Enfim, será nesse âmbito reflexivo e conceitual que a palestra será proferida.

\* **Marcos Ianoni** - doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP, graduação e MBA em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

# *Conviver em harmonia e sintonia*

## **Conviver em harmonia e sintonia no espaço escolar**

**\* Fernando Mota**

Nossa proposta nesta palestra é proporcionar aos docentes presentes neste encontro a possibilidade de refletirem sobre a importância da qualidade dos espaços escolares para a prática educativa oferecida de forma significativa e digna. De espaços escolares não nos referimos apenas a espaços físicos, mas a todos os espaços necessários a boa prática educativa: espaços gestores, físicos, pedagógicos e políticos.

De espaços gestores dou destaque para o de gestão democrática e participativa: Uma escola democrática, para uma sociedade democrática, adota processos de gestão democráticos. Os princípios de democracia e participação precisam estar garantidos na escola através de seu Projeto Político Pedagógico fazendo com que todos se sintam envolvidos nas propostas e nas ações de forma a garantir o comprometimento. De espaços físicos que atendam ao coletivo através de salas híbridas e múltiplas que permitam a interatividade e a conexão com as mídias necessárias a incorporação de novas práticas educativas. De espaços políticos que garantam a voz e a vez aos alunos, a representação e a participação de todos, alunos, professores, funcionários e gestores nas propostas institucionais. De espaços pedagógicos que permitam práticas construtivas, aprendizagens colaborativas e significativas.

Todos estes processos necessitam de uma concepção de convivência harmônica de todos os interessados de modo a possibilitar uma sintonia destes com os espaços, garantindo a consolidação do Projeto Pedagógico em ação.

Pretendemos estabelecer um diálogo entre o educador e seu tempo, Fazê-lo refletir sobre o tempo e o espaço educativo. Sobre a natureza do encontro de seres humanos para a aprendizagem em harmonia.

Utilizaremos algumas referências que julgamos

pertinentes: a experiência do projeto pedagógico da Escola Mandala, vivenciada pela comunidade da Faetec-RJ e transformada em livro que poderá ser acessado no [www.faetec.rj.gov.br/ist-rio](http://www.faetec.rj.gov.br/ist-rio); "Os sete saberes necessários à educação do futuro" - Edgar Morin; "Ofício de mestre" - Miguel Arroyo, "Ao professor com meu carinho" - Rubem Alves, "Didática magna" - Comenius, "Vigiar e punir" - Michel Foucault, "A árvore do conhecimento" - Humberto Maturana, e Pedro Demo, com algumas reflexões.

**\* Fernando Mota** - MBA em Gestão pela FGV-RJ, administrador escolar, diretor de Educação Superior da Faetec-RJ, vice-presidente da Associação Brasileira de Tecnologia Educacional (ABT), docente na área de Educação/Pedagogia na Faculdade São Judas Tadeu-RJ e consultor educacional.

# *Será que a escola consegue ensinar?*

## **Uma outra questão: o que é realmente necessário ser ensinado na escola, para que se cumpra a sua função primordial?**

\* **Tatiana Platzer**

Professores e demais profissionais de educação convivem regularmente com diferentes discursos acerca do fracasso escolar e da crise da escola pública. Deparam-se com teorizações que apontam os descompassos entre as novas tecnologias e os avanços do ensino, sugerindo até a falta de necessidade de professores em sala de aula. Por outro lado, alunos e familiares são identificados, regularmente, como inadequados, por não corresponderem aos padrões idealizados pela escola. Por conseguinte, fracassam no processo de escolarização.

Como tentativa de ruptura de um discurso que foca a responsabilização da não-aprendizagem em alunos e professores, cabe propor a seguinte pergunta: o que é realmente necessário ser ensinado na escola, para que se cumpra a sua função primordial? Propor a discussão acerca das possibilidades de a escola ensinar a partir de um questionamento reflete uma opção metodológica. Opta-se, neste caso, por um caminho dialético.

A pergunta deve suscitar possibilidades de resposta, cuja exposição seja, em primeiro lugar, passível de ser examinada profundamente e colocada em termos, inclusive, de ser refutada. Assim, norte-

aremos o processo de construção de uma resposta pela tentativa de resgate de qual é a função da escola e o que nela deve ser ensinado. Partiremos do princípio de que a escola, espaço socialmente reconhecido, tem como função propiciar condições, por meio de instrumentos culturais e pedagógicos, de acesso ao saber científico, associado à cultura erudita e letrada. Decorre, então, a primeira exigência para o acesso a esse tipo de saber: ler e escrever e, conseqüentemente, conhecer a linguagem dos números, da natureza e da sociedade.

O acesso efetivo ao conhecimento pelos usuários da escola pública ainda não se efetivou no Brasil, apesar do recente processo de democratização de ensino e das políticas públicas comprometidas com uma escola para todos. A garantia deste direito primário, contemplada a diversidade entre os seres humanos e suas múltiplas possibilidades, é, reconhecidamente, uma tarefa compartilhada por todos os níveis e esferas educacionais.

\* **Tatiana Platzer** - cientista social pela Unicamp e psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Mestre e doutora pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). Atua há cinco anos como orientadora educacional de 1ª a 4ª séries e há 11 anos atua no ensino superior com formação de professores. Atualmente, é gestora acadêmica do curso de Pedagogia.

## **Será que a escola consegue ensinar?**

\* **Silvia M. Gasparian Colello**

Os dados não mentem. Vivemos no Brasil uma situação crônica de fracasso escolar. As iniciativas de avaliações (Saeb, Prova Brasil, Inaf, Ideb, Enem e Pisa) apenas comprovam os problemas da qualidade do ensino, uma tendência histórica já conhecida pelos estudiosos da educação.

Para além dos dados objetivos que atestam a não-aprendizagem, outras dimensões menos evidentes do fracasso vão dando mostras de uma realidade igualmente perversa apenas difusamente percebida por pais e professores: para uma grande parte dos alunos, o acesso e permanência na escola não garantem o interesse pela aprendizagem, o gosto pela leitura, a formação do espírito crítico e o uso do sa-

ber a serviço da cidadania, da criatividade e da responsabilidade social.

Na tentativa de compreender essa realidade, não raro somos arrastados para explicações reducionistas que ora culpam o aluno por sua incapacidade, ora atribuem o fracasso às famílias "carentes" e "desestruturadas", ou ainda ao mundo "corrompido e sem valores". Em outra corrente de explicações, as razões do insucesso recaem na escola ou, mais especificamente, no despreparo do professor. A insistência em buscar culpados e vilões perpetua nossa incompreensão sobre a complexidade da educação e da vida escolar e, como consequência disso, corremos o risco de sermos iludidos por propostas simplistas de ensino, reformas escolares superficiais ou políticas de educação incompletas, com poucas chances de reverter o problema.

Enfrentar o fracasso escolar de modo responsável requer a consideração dos desafios do ensino tomados a partir de suas relações com o contexto sociocultural, o universo escolar e o sujeito aprendiz. No que diz respeito ao primeiro, importa situar o valor do saber e a disponibilidade para aprender

em diferentes grupos culturais, tendo em vista a necessidade de re-significar o ensino. A escola, por sua vez, merece ser compreendida não só pelos paradigmas educacionais assumidos, mas pela dinâmica de trabalho que favorece mais ou menos as condições de trabalho e as possibilidades da transposição pedagógica.

Longe de ser uma realidade abstrata, a postura educacional dos professores é tecida no dia-a-dia da escola com base em suas práticas e na possibilidade de reflexão sobre elas. Finalmente, é preciso repensar o aluno como sujeito da ação educativa, recuperando na escola bases dialógicas capazes de respeitar a diversidade dos estudantes e de seus processos cognitivos ao longo da trajetória escolar.

\* **Silvia M. Gasparian Colello** - pedagoga com mestrado e doutorado pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp). Como docente da Feusp, atua nas áreas de Psicologia da Educação e Ensino da Língua Escrita nos cursos de graduação e pós-graduação. É coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Alfabetização e Letramento (Geal) e autora dos livros "Alfabetização em questão" e "A escola que (não)ensina a escrever".

## *Limites e disciplinas na educação infantil*

### **Liberdade e limites: aprendendo com as crianças**

\* **Vital Didonet**

A liberdade é um dos mais sagrados valores do ser humano. A história humana pode ser escrita sobre o sulco das lutas pela liberdade dos povos, dos grupos sociais e dos indivíduos. Mas a história dos homens é a saga de libertação, nunca o descanso na liberdade completa e estável, porque o indivíduo pode ser escravo de si mesmo, de suas próprias amarras interiores.

Conquista-se a liberdade, mas também aprende-se a ser livre.

"A liberdade não é uma filosofia, nem sequer uma idéia: é um movimento de consciência que nos leva, em certos momentos, a pronunciar dois monossílabos: sim ou não" ("A outra voz"- Octavio Paz).

**Vital Didonet** - licenciado em Filosofia e Pedagogia, mestre em Educação, especialista em educação infantil. Trabalha com políticas públicas de educação, legislação educacional, planejamento e formação de professores, com foco principal em educação da primeira infância. É conferencista no Brasil e no exterior e consultor de diversos organismos nacionais e internacionais na área da educação infantil.

# Limites na educação infantil: olhando nossos espaços

\* Vera Melis

Os Centros de Educação Infantil tem como meta formar crianças, que serão homens e mulheres de seus tempos e realidade. Se desejarmos formar serem criativos, críticos e aptos para tomar decisões, um dos requisitos é o enriquecimento do cotidiano infantil.

O imaginário só se desenvolve quando se dispõe de experiências diversificadas e ambientes enriquecedores. As crianças possuem modos próprios de compreender e interagir com o mundo, um ambiente onde a infância possa ser vivida em toda a sua plenitude, um espaço e um tempo de encontro entre os seus próprios espaços e tempos de ser criança dentro e fora da escola. A criança descobre, cria e se expressa por meio de múltiplas linguagens e brincadeiras, construindo conceitos e conhecimentos, exercendo o direito de brincar.

Se analisarmos os fatores necessários para formação desta visão de criança, vemos que muito temos que caminhar para que nossas crianças tenham acesso a ela.

Se nos apoiarmos ainda nas pesquisas científicas que nos trazem dados concretos da evolução do cérebro frente às oportunidades apresentadas a criança na infância, nossa realidade é ainda mais assustadora: "Pesquisas demonstram que a maioria dos ambientes a que as crianças estão expostas no início da infância são de qualidade baixa ou inadequada, podemos melhorar a qualidade, criando ambientes nos quais as crianças possam prosperar e aprender". Rima Shore, podemos então entender/ compreender que tipo de educação infantil nossas crianças estão tendo acesso e mais que crianças estamos formando.

Se observamos ainda a qualidade das interações a qual estas crianças tem acesso, vemos a urgência de nossa intervenção. "É no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano no qual se inserem emoções. Essa qualificação do espaço físico é que o transforma em um ambiente" (Horn, 2004).

Como pensar em ambiente e interação se não temos, na maioria das instituições de educação infantil, profissionais qualificados para desenvolver o trabalho com esta faixa etária? Como um profissional sem a qualificação necessária pode apostar nas interações como forma de adquirir conhecimentos? Que a linguagem que a criança utiliza para explorar o mundo contempla o brincar? Como a organização dos espaços pode limitar as descobertas das crianças? O espaço pode promover a autonomia? Qual o papel do educador na organização de espaços enriquecedores?

\* Vera Melis - pedagoga, mestre em Educação e doutora em Administração. Professora universitária, pesquisadora na área da infância. Consultora do Canal Futura, IBM e organizações governamentais. Representante do Brasil no World Forum Foundation ([www.worldforumfoundation.org](http://www.worldforumfoundation.org)) Global Leader for Young Children. Autora de livros e artigos, tem contribuído na construção de políticas públicas para a infância. Coordenou a área de Educação da Fundação Orsa implementando projetos de formação, gestão pedagógica e mobilização social em municípios e órgãos internacionais. É diretora do Centro de Estudos para a Valorização da Infância e seus Direitos e coordenadora do escritório da Unesco em São Paulo.

# *Perfil da equipe gestora educacional: do ideal ao possível*

## **Equipe gestora: os desafios do mundo contemporâneo**

\* **Roberto Carlos Pamplona**

Vivemos num mundo de incertezas: noções generalizadas sobre a globalização em curso, as transformações tecnológicas, os novos cenários do mundo do trabalho para o agora e para o futuro nos dão a impressão de que a areia movediça nos encobre cada vez mais.

O quadro de problemas sociais como a violência urbana, a ausência de direitos humanos para muitos segmentos da população, uma preocupação crescente com a juventude e sua perspectiva de futuro parece aumentar o lodo. Temos a sensação de que "antes" a vida parecia ser mais simples e que a escola dava conta do papel que a sociedade lhe reservava.

A imagem social da escola, presente no discurso dos políticos e do cidadão comum atualiza-se: a educação, caminho fundamental para enfrentar os desafios desse mundo de incertezas. A escola está nos noticiários diários e os seus protagonistas vez ou outra queimam na fogueira dos tribunais da imprensa.

Fazer parte de uma equipe gestora escolar é fazer parte de uma instituição sempre em evidência. Se o gestor da escola nos tempos da ditadura militar equilibrava-se sobre as pressões dos interesses dos vários segmentos em seu interior e das instâncias superiores de educação cuja última palavra era a baioneta, hoje o gestor precisa responder a pressões vindas de campos de interesses diversos: os relatórios do Banco Mundial e suas análises da economia e da educação que por sua vez influenciam na condução das políticas educacionais levadas a cabo por Ministérios, Secretarias e Diretorias de Educação; os resultados nada animadores das provas formuladas pelas várias esferas

governamentais formam opinião pública; as pressões vindas com a crescente democratização do acesso à educação de contingentes antes excluídos consistem no desafio de maior grandeza para a equipe gestora e para o corpo docente.

A escola, essa desconhecida por muitos durante muito tempo, é elevada à missão civilizatória. Não é simples ser diretor, vice-diretor e coordenador pedagógico neste cenário. Sem fórmulas mirabolantes para a complexidade do tema, nos esforçaremos em traçar um perfil da equipe gestora sustentado em alguns calços: a gestão democrática como princípio e práxis; a informação, a transparência, o debate e o diálogo como armas primeiras da gestão; a construção da escola como um espaço poético e de valorização do saber, a escola amalgamada às preocupações do mundo contemporâneo e às angústias da vida moderna. Serão essas as balizas da nossa exposição na mesa redonda "O perfil do gestor educacional: do real ao possível".

\* **Roberto Carlos Pamplona** - mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP e professor de História da rede pública municipal. Tem vários artigos e trabalhos publicados.

# Perfil da equipe gestora educacional: do ideal ao possível

\* Regina Migliori

Muitos gestores ainda estão tentando se adaptar a um novo conjunto de desafios. Os profissionais percebem a necessidade de atender aos requisitos necessários para atuar como lideranças junto às suas equipes e à comunidade onde estão inseridos.

Até muito pouco tempo atrás, para atuar nesta área era preciso ter, prioritariamente, um perfil "idealista" e isso bastava. Hoje, esta liderança, além de estar alinhada à causa, tem de desenvolver um conjunto de competências. Trata-se de uma ampliação da noção de ação e seus impactos, contemplando três aspectos fundamentais: dimensão ética, dimensão competente e dimensão responsável.

A dimensão ética corresponde ao conjunto de princípios e valores que a liderança afirma em seu nome e em nome da instituição que representa. Trata-se de um eixo comum, que inspira e norteia as ações, em torno do qual as pessoas possam se integrar.

A noção sobre a dimensão competente se ampliou. Não se trata simplesmente de saber fazer. Hoje, para que alguém seja percebido como competente, é necessário atender a três eixos de atuação. O eixo instrumental, que corresponde ao conhecimento específico sobre atribuições técnicas relevantes e necessárias para a execução das ações. O eixo relacional, ou seja, saber inserir seu conhecimento e sua atuação de forma adequada e benéfica em determinado contexto. Mas não é suficiente ter conhecimento técnico/instrumental e conseguir se inserir em determinado cenário, sem ter a clara noção da dimensão filosófica da sua atuação, isto é, por que e para que realizar as ações.

Mas ainda falta uma das dimensões da ação. Além de preencher os requisitos da dimensão ética e da dimensão competente, é preciso ter a visão sobre os impactos provocados. Trata-se da dimensão de responsabilidade sobre as ações executadas. Hoje, diante dos

desafios da cultura de paz, da gestão participativa, da sustentabilidade, a liderança precisa monitorar os impactos que a sua atuação provoca, entendendo-se por impactos, algo maior do que resultados. A noção de impacto contempla a perspectiva tangível dos resultados mensuráveis e também a dinâmica intangível da repercussão, incluindo diferentes percepções e a noção de reputação.

É nesta interação entre as dimensões ética, competente e responsável que se estabelece o perfil desta liderança, contemplando uma permanente dinâmica de aperfeiçoamento e inovação.

**Regina Migliori** - diretora do Instituto Migliori, consultora de cultura de paz da Unesco; membro do Instituto de Estudos do Futuro, criadora do MBA em Valores, Cultura de Paz e Sustentabilidade, da Fundação Getúlio Vargas, do qual foi coordenadora; é autora de livros e CD-Rom, Tem entre seus clientes Banco Real, Natura, Grupo Votorantim e Polícia Militar de São Paulo.

# *Quais as principais mudanças ocorridas no mundo e quais as consequências na educação?*

## **O hiper-renascimento do século XX e os desafios na prática pedagógica**

\* **Nelson Pascarelli Filho**

No século XX ocorreu um hiper-renascimento. Do triunfo das vacinas à comunicação instantânea, diversos fatos ainda reverberam no cenário educacional exigindo uma constante ressignificação da prática pedagógica: informatização, virtualização e imediatização do saber e das relações via Internet; a Aids e a nova educação sexual, as políticas de inclusão e a aceitação das diversidades; fim do bloco socialista e a nova globalização, formação dos grandes blocos de países - União Européia e Mercosul, as crises do petróleo, a nova polarização oriente - ocidente após o 11 de setembro, retomada da conquista espacial; a emancipação feminina e as mudanças sociais na família brasileira, a bomba atômica e os desastres ambientais que são novas feridas narcisísticas na história da humanidade e urgem por uma consciência ecológica eficaz.

O mundo é regido pela dromocracia - velocidade é poder! Tudo é possível no cyber espaço e a existência humana se depara com novas angústias. Entender como essa velocidade mudou a relação pro-

fessor/aluno implica em rever as teorias motivacionais aplicadas à educação.

A hiper-estimulação psíquica e neuronal decorrentes do mundo digital e instantâneo aniquilam a subjetividade e causam efeitos imprevisíveis no comportamento humano.

Surge um desafio para o educador: ir além do "informar, formar e cuidar". Cabe ao educador exercer sua prática pedagógica se articulando com a ética e a com ecopedagogia, reumanizando insistentemente seus educandos para preservar o valor vida (que é único em nosso planeta), capacitando-os a vencer as mazelas do etnocentrismo e do racismo, promovendo a alteridade, assim, educa-se para a felicidade, se contrapondo ao prazer instantâneo tão arraigado ao consumismo desenfreado.

\* **Nelson Pascarelli Filho** - conferencista, consultor científico-educacional, biólogo com pós-graduação em Microbiologia, filósofo, bacharel em Psicologia, psicanalista; escritor da FTD com 16 livros didáticos publicados e adotados em nível nacional. Professor titular de Ciências Naturais da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. É diretor da Pascarelli Sciens, consultoria fundada em parceria com alunos intelectualmente superdotados.

## **Mudanças no mundo e consequências para a educação**

\* **Ladislau Dowbor**

As novas tecnologias do conhecimento abrem um leque de oportunidades, mas também de desafios. Constituem, em seu conjunto, um fator de transformação do universo confortável da sala de aula tradicional, da unidade escolar centrada em si mesma, das

próprias formas burocráticas de organização da educação. Uma coisa é acrescentar um laboratório de informática às nossas escolas, outra é responder aos imensos desafios da conectividade científica global que emerge, das novas formas de organização do conhecimento.

As tecnologias em si não são ruins. Fazer mais



coisas com menos esforço é positivo. Mas as tecnologias sem a educação, conhecimento e sabedoria que permitam organizar o seu real aproveitamento, nos levam apenas a fazer mais rápido e em maior escala os mesmos erros. Achávamos que o essencial para desenvolver o país seria criar fábricas e bancos. Hoje, constatamos que sem os conhecimentos e a organização social correspondente, construímos uma modernidade com pés de barro, um luxo de fachada que já não engana mais ninguém.

Precisamos examinar de maneira organizada os diversos impactos que as novas tecnologias do conhecimento têm sobre o universo da educação. Estamos evoluindo rapidamente para um mundo em que o conhecimento desempenha o papel principal. Tudo evolui hoje sob o impulso de novas tecnologias, de novos conhecimentos. Com isso, o papel das instituições de ensino se torna muito mais central. E o educador, que lida profissionalmente com o conhecimen-

to, adquire assim uma importância renovada.

Quando jogamos uma pedra nas águas calmas de um rio, formam-se círculos cada vez mais amplos. As tecnologias do conhecimento, vistas como elementos transformadores, deslocam as formas do aluno acessar e organizar o seu universo de informação. Espaços diversificados de conhecimento - a televisão, a Internet, os vídeos, a imprensa, a própria publicidade - passam a disputar a atenção do aluno, freqüentemente desorientado frente ao caos informativo gerado.

**\* Ladislau Dowbor** - professor titular de pós-graduação na PUC-SP nas áreas de Economia e de Administração, consultor de diversas agências das Nações Unidas. É autor de "Democracia econômica" e "A reprodução social, tecnologias do conhecimento: os desafios da educação" e outros.

## *Limites para crianças especiais*

### **Crianças no pátio da escola - histórias de quem vive a diferença**

**\* Maria Eugenia Capraro de Toledo**

Em tempos de discussões a respeito da circulação das crianças no ambiente escolar e seu envolvimento com as propostas pedagógicas hegemônicas é preciso parar e pensar sobre as tramas tecidas entre o aprender e o ensinar e quais os seus desdobramentos.

Afinal, na ciranda de tantos métodos e técnicas para bem ensinar, por que tantos não aprendem?

Diante do inexorável do fracasso escolar é preciso se lançar no imprevisto do ato educativo e propor algo novo, inédito, capaz de esburacar as certezas e desvelar o mal-estar da educação.

**\* Maria Eugenia Capraro de Toledo** - pós-graduada em tratamento e escolarização de crianças com distúrbios globais do desenvolvimento pela pré-escola terapêutica Lugar de Vida/Ipusp. É orientadora educacional e consultora em educação inclusiva.

# *Tecnologias: o que você ainda não aprendeu e precisa aprender*

## **O uso do Moodle, mediado pelo web site do professor Fernando Moraes, no suporte do ensino tradicional**

\* **Fernando Pedro Moraes**

Será apresentado um estudo da utilização e da construção comunicacional do espaço virtual de aprendizado Moodle (software para produzir e gerenciar atividades educacionais), para suporte ao ensino/aprendizagem das salas de aula tradicionais em escolas particulares de ensino médio e instituições de ensino superior em diversas disciplinas ministradas e orientadas pelo professor Fernando Moraes.

Um dos objetivos é demonstrar como o ambiente virtual de aprendizado Moodle será utilizado em uma plataforma configurada no web site do professor, analisando as interações mediadas pela platafor-

ma e os agentes envolvidos neste processo, como professor e alunos.

O objetivo é demonstrar que existem ferramentas tecnológicas de fácil acesso, que criam uma interação prática e oportuna, mediada pela Internet, para o suporte ao ensino tradicional.

\* **Fernando Pedro Moraes** - mestre em Comunicação pela Universidade Paulista (Unip), especialista em Tecnologia da Informação Aplicada ao Governo (Fundap) e em Docência do Ensino Superior pelas Faculdades Integradas Torricelli, graduado em Administração de Empresas pela Universidade São Francisco. É professor e consultor em diversos programas de graduação, pós-graduação (lato sensu e strictu sensu) e MBA pelo Brasil de diversas disciplinas ligadas à tecnologia, gestão e sistemas.

## **Tecnologias: o que você ainda não aprendeu e precisa aprender**

\* **Nilbo Ribeiro Nogueira**

Diante de um cenário em que a sociedade é cada vez mais tecnológica, a área da educação também precisa se posicionar para traçar objetivos e estratégias nos quais estas novas tecnologias possam auxiliar como suporte aos processos de ensino e aprendizagem.

O dilema que a educação vive diante desse cenário é encontrar os caminhos para dar significado às tecnologias, pois não basta apenas utilizá-la, é preciso que ela possa auxiliar e fazer a diferença na aprendizagem dos nossos alunos.

Preocupante é presenciarmos uma subutilização das tecnologias, como por exemplo, no caso do computador, em que o processador de texto é

utilizado apenas para digitar uma redação, o software gráfico para o aluno desenhar ou a Internet para coleta de informações que são apenas impressas, sem leitura e análise. Frente às tecnologias, o professor deverá desenvolver novas competências, de modo a mediar processos que realmente potencializem a aprendizagem.

Competências que dizem respeito às ações docentes para propiciar meios nos quais os alunos utilizem as tecnologias na construção de projetos coletivos, cooperativos e colaborativos com outros alunos fisicamente e geograficamente distantes, mas que mesmo assim possam promover a interação social, ou ainda na mediação de processos de autoria com integração de mídias, que auxiliem na resignificação da aprendizagem. Enfim, em tudo

aquilo que não poderia ser realizado sem o uso da tecnologia e que ainda promova ações que potencializem efetivamente a aprendizagem.

O desafio do professor está em planejar atividades de interesse didático-pedagógico que possam incorporar as tecnologias em sua prática, de tal maneira a orientar seus alunos para o uso crítico, ou seja, no caso da coleta de informações que saibam onde e como pesquisar, que entendam como analisar a importância e a veracidade dos dados coletados e que posteriormente saibam mapear, depurar, classificar e utilizar essas informações para, quem sabe, poder transformá-las em conhecimento.

São esses desafios de planejar, incorporar e desenvolver novas competências didáticas com o uso das tecnologias que farão com que a escola repense

e renove o currículo, que em alguns momentos parece estar anacrônico diante de uma sociedade tecnológica e da informação.

Incorporar o novo sem reflexão e análise seria o mesmo que maquiar o antigo com uma roupagem "high tech", o que poderíamos comparar com a retirada da casca superficial de uma cebola. Mas, se quisermos mudar a educação, precisamos ir mais fundo e mexer no meio dessa "cebola".

**\* Nilbo Ribeiro Nogueira** - conferencista, doutor em Educação pela PUC-SP, mestre em Educação pela USP, pós-graduado em Psicopedagogia, pedagogo, licenciado em Ciências e bacharel em Química, professor de Educação a Distância pelo Espectrum e de pós-graduação na FAI-MG. Autor de diversos livros na área de educação.

**DIA 05/11 - 14h30 ÀS 17h30**

## *Crianças de seis anos na Emef: um jogo para além da alfabetização*

**\* Suselaine Zaniolo Mascioli**

Apoiando na abordagem histórico-cultural ou sócio-histórica, o presente trabalho se propõe a discutir alguns aspectos referentes à criança de seis anos de idade e seu estágio de desenvolvimento. Anseia, também, compartilhar inquietações referentes ao papel do educador, ações pedagógicas e propostas curriculares que atendam às características, potencialidades e necessidades específicas desse período da infância.

O contexto brasileiro de políticas públicas edu-

cacionais das últimas décadas apresenta decisões que se voltam para a questão da ampliação do tempo de escolaridade obrigatória.

Em meio a essas decisões políticas está situada a Lei nº 11.274, de 2006, que regulamenta o ensino fundamental de nove anos, fixando as condições para a matrícula de crianças nas redes públicas, que tenham seis anos completos ou que venham a completá-lo no início do ano letivo. Nesta perspectiva, não se pode restringir o desenvolvimento das crianças desta faixa etária à exclusividade da alfabetização. Ao contrário, é indispensável à implementação de tra-

balhos pedagógicos que assegurem o estudo das diversas expressões de todas as áreas do conhecimento. Isso pressupõe desde a diversidade de espaços físicos e materiais até estratégias que oportunizem a experimentação das diversas linguagens e a mediação das possibilidades corporais infantis.

Como já registrado em publicações anteriores (MASCIOLI, 2006), o "Jogo Protagonizado" também denominado por Elkonin (1998) de "Jogo de Papéis Sociais", é considerado uma das experiências indispensáveis no contexto do ensino de nove anos. Compreendido pela psicologia histórico-cultural, como a

atividade principal das crianças de três a seis anos, por servir como origem de mudanças qualitativas na psique infantil e ser um passo para o pensamento abstrato, para o "mundo das idéias", exercendo também influência sobre o desenvolvimento da linguagem e da imaginação.

**\* Suselaine Zaniolo Mascioli** - doutoranda em Educação FCL/Unesp/CAr. Membro da equipe de pesquisas "Educação Infantil: aprendizagem e desenvolvimento profissional em contextos integrados", da FCL/Unesp/CAr, e do grupo "Contextos integrados em Educação Infantil", da USP.

## *Cultura e tradição popular nas escolas*

### **Samba, cultura e educação**

**\*Augusto César de Lima**

A origem do presente trabalho está na pesquisa realizada pelo autor sobre a relação escola e cultura, desenvolvida em seu mestrado e doutorado em Educação na PUC-Rio. Neste texto, discute a construção de conhecimentos gerados na cultura popular e a história do samba no bairro de Oswaldo Cruz, subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, e o surgimento da Escola de Samba Portela, neste mesmo bairro. Discute a relação de trocas culturais realizadas pelo samba, entendidas através do conceito de cultura popular e cultura do samba e a sua expressão nos espaços de samba.

A partir de depoimentos de sambistas, dos tipos de histórias de vida, observação dos espaços culturais do samba, análise de biografias de sambistas e matérias jornalísticas, o autor analisa o espaço das escolas de samba, rodas de samba, pagodes e outras atividades do mundo do samba como aspectos educativos e de socialização da cultura do samba.

A organização destes espaços é vista como exer-

cício da cidadania e da afirmação identitária, promovendo a auto-estima de grande parte da população dos bairros populares, subúrbios e favelas da cidade do Rio de Janeiro. Esta conclusão remete à escola, que pode ter nestes elementos uma ponte para o diálogo entre a cultura escolar e o contexto onde estão inseridas as instituições escolares no município do Rio de Janeiro.

**\* Augusto César de Lima** - graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Cândido Mendes (1982), mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ - 2001) e doutorado em Educação pela PUC-RJ (2005). É professor adjunto I da Universidade Estácio de Sá e professor associado da Universidade Estadual do Norte Fluminense. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Antropologia Educacional, Sociologia da Educação, Educação Brasileira e Economia da Educação, atuando, principalmente, com os temas cultura da escola, cultura do samba, cultura social de referência e funcionamento do sistema de ensino.

# Cultura e tradição popular nas escolas

\* José Gerardo Matos Guimarães

O tema proposto para debate exige, inicialmente, algumas considerações específicas no sentido de esclarecer o que se entende por cultura e por tradições populares. Somente após esta providência será possível o debate coerente e consistente, de modo que se possa relacionar os dois assuntos à questão educacional.

O senso comum trata a cultura como algo pertinente ao mundo dos mais letrados, confundindo seu significado, com instrução. De outro modo, tradições populares é uma expressão desgastada pelo mau uso, sugerindo erroneamente ambiência apenas rural. E, por conseqüência, a palavra folclore (cultura popular) sofre, também, os efeitos deletérios de tal interpretação.

Sob o ponto de vista do estudo científico, o vocábulo cultura é claro e objetivo. Acervo de conhecimentos advindos da experiência de vida, do cotidiano, a cultura caracteriza os integrantes da mesma Nação quanto à maneira de viver, quanto ao modo e forma de conceituar o corpo de valores e de costumes que lhe são próprios (ANDRADE, 1999, p.17).

É neste sentido, por exemplo, que Amadeu Amaral utiliza o termo tradições populares(1976) para denominar uma de suas obras, onde estuda as relações entre folclore e dialetologia; poesia, contos e lendas; cantiga de berço; ciclo de romance tradicional; paremiologia; advinhas e outros problemas; mito; religiosidade; superstições, etc.

Convém salientar que se a escola for capaz de oferecer um ambiente de aprendizagem que contemple a pluralidade de idéias e conteúdos, como, aliás, prevê a legislação, não há dúvida que também pode buscar nas tradições populares um universo de conhecimentos não-institucionalizados e capazes de contribuir para o desenvolvimento físico e mental do ser humano.

Publicações como Folclore na escola (2002), Repensando o folclore (2002), Literatura folclórica

(2000) e Educação e folclore (2006) corroboram essas idéias.

## REFÊRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Amadeu. Tradições populares. 2ª. Ed. São Paulo: Hucitec, 1976.

ANDRADE, Julieta. Et.Al. Identidade cultural no Brasil. São Paulo: A9 Editora e Empreendimentos, 1999.

GUIMARÃES, J.Gerardo M. Folclore na Escola. São Paulo: Manole, 2002.

\_\_\_\_\_. Repensando o folclore. São Paulo: Manole, 2002.

GRASSI, Leila Gasperazzo Ignatius. Educação e folclore - Histórias familiares dando suporte ao conteúdo. São José dos Campos-SP: Fundação Cultural Cassiano Ricardo/Centro de Estudos da Cultura Popular, 2006.

\* José Gerardo Matos Guimarães - doutor em Integração da América Latina pela Universidade de São Paulo (USP), escritor, pesquisador e conferencista com trabalhos apresentados na Alemanha, Espanha, Peru e Cuba.

# *O atendimento ao público na área educacional - do portão à sala de aula*

\* Solange Leme de Oliveira

A escrita do projeto pedagógico da escola não é suficiente para garantir a formação de jovens e crianças preparados para as demandas deste milênio. Faz-se necessária, na escola, a participação no esforço educativo de todos os que a ela estão relacionados: funcionários em todos os níveis, pais, alunos e comunidade circunscrita. Assim, a escola precisa possibilitar instrumentos para compreensão do papel educativo que cabe aos seus funcionários, independentemente de seus papéis ou posições no organograma da instituição.

Até alguns anos atrás, o trabalho das pessoas de cada área da instituição escolar: administrativa, pedagógica, suporte feito "separadamente", era o suficiente. O fazer pedagógico era questão quase que restrita ao âmbito dos professores e estes, por sua vez, ignoravam os aspectos administrativos - da exclusiva responsabilidade do diretor e equipe administrativa. O modo de se reportar às crianças de maneira adequada à faixa etária era uma questão da alçada dos professores.

A equipe da secretaria pouco conhecia dos alunos, se isolando nos cuidados aos aspectos burocráticos, o pessoal da limpeza e da cozinha não era considerado envolvido com o processo educativo. Na escola, cada profissional respondia pela sua área - o termo "equipe escolar" era sinônimo da junção de trabalhos de áreas separadas com pouca abertura para a participação dos diferentes profissionais no processo decisório necessário ao bom desenvolvimento de um projeto político pedagógico. O contato com a família restringia-se a reuniões pedagógicas e eventos festivos.

Em resposta às necessidades atuais, o trabalho da equipe escolar adquiriu uma nova dimensão e um novo desenho, no qual a atuação de cada mem-

bro precisa ser compartilhada, compondo um quadro em que os diversos olhares sobre o educando no contexto da ação educativa possa se enriquecer mutuamente, alimentando o processo, o que exige de cada um desenvolvimento de competências: técnicas interacionais; de solução de problemas; de capacitação e de comunicação.

O processo de comunicação requer o trabalho com variados aspectos: utilizar o feedback; usar apropriadamente os canais de comunicação com a observação do comportamento não-verbal do interlocutor; saber ouvir e perceber o conteúdo lógico/manifesto e o conteúdo psicológico/latente da mensagem; uso de comunicação face a face; colocar-se no mundo do receptor; adaptar a mensagem ao vocabulário, interesses e valores do receptor; desenvolver a sensibilidade/empatia; saber distinguir o momento oportuno para a mensagem ser enviada; reforçar as palavras pela ação; colocar a mensagem de maneira simples, direta e sem redundância.

\* Solange Leme de Oliveira - mestre em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), pedagoga com especialização no Sistema Montessori de Educação, docente da Faculdade Sumaré, consultora educacional e responsável pela programação e realização de cursos de capacitação para professores da rede pública e particular.

## *Qualidade na educação infantil: o que pensam os interessados?*

### **A criança pobre como sujeito de direitos e a pobreza como "objeto de ciência": revisitando o tema da inclusão social**

**\* Marcos Cezar de Freitas**

A palestra abordará, em perspectiva histórica e antropológica, o tema da fala dos interessados na qualidade da educação infantil, identificando alguns momentos-chave, nos quais as particularidades da vida da criança pobre se tornaram "objeto de pesquisa".

Indicará, com exemplos, algumas situações com-

plexas em que as personagens que constituem o cotidiano da educação infantil expressaram opiniões que nos permitem abordar o tema da inclusão social e da qualidade com referenciais que contemplem as tensões internas da sociedade.

**\* Marcos Cezar de Freitas** - professor do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Paulo, campus Guarulhos, coordenador do Grupo de Pesquisa e Estudo sobre a Criança e a Infância, autor de "História social da infância no Brasil", entre outros títulos.

## *Práticas pedagógicas e tecnologias na inclusão de alunos com necessidades especiais*

**\* Anna Rita Sartori**

O caminho sem volta que se abre, atualmente, diante dos professores, tem seu trajeto marcado pela emergência de duas palavras-chaves: tecnologia e inclusão.

Felizmente, é cada vez menor o número daqueles que ainda se debatem contra elas, usando como argumento a existência de dificuldades operacionais e/ou econômicas.

O nosso eventual ceticismo tem sido suplantado pela evidente impossibilidade de adiar mais o banimento da infoexclusão na nossa sociedade.

Os profissionais de educação, comprometidos com um "presente" melhor e mirando as necessidades do amanhã, têm procurado (re)configurar sua identidade profissional, buscando meios de tornar a sua

prática pedagógica cada vez mais eficaz no emprego das tecnologias, em favor de uma inclusão ampla de nossas crianças e jovens.

Se, de fato, acreditamos que a aprendizagem se dá de forma interacional, aquilo que as tecnologias da informação e comunicação (TICs) mais têm a nos oferecer é justamente a interatividade, em vários níveis.

Dar conta das possibilidades que as TICs nos franqueiam implica em assumirmos que o nosso processo de formação é permanente e reconhecemos que a escola é um meio de culturação do sujeito. Sendo assim, precisamos nos habilitar pedagogicamente para inseri-las na nossa prática, fazendo, dessa forma, frente às demandas da cultura.

Se, empenhados no processo de inclusão, no início lutamos pelas ações imprescindíveis para garantir

os direitos básicos do cidadão com necessidades especiais, neste ponto nossas reivindicações ultrapassam, em muito, as questões técnicas e legais de acessibilidade à educação formal. O que aspiramos agora é garantir a todos os alunos algo maior e mais justo. Pretendemos retirá-los do exílio que representa a exclusão tecnológica e viabilizar a sua plena

inserção no contemporâneo, à qual todos, sem exceção, têm direito.

\* **Anna Rita Sartore** - mestre e doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), bióloga, pedagoga, especialista em Psicopedagogia e Psicanálise, coordenadora de pós-graduação em Psicopedagogia Institucional e Clínica, docente do curso de Pedagogia e Supervisora Pedagógica do Núcleo de Educação a Distância da Universidade Ibirapuera.

## Práticas pedagógicas e tecnologias na inclusão de alunos com necessidades especiais

\* **Marli Vizim**

A inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais, em escolas regulares indica que as práticas pedagógicas existentes transitam no binômio inclusão/exclusão, no qual alguns estão incluídos enquanto outros, excluídos.

Para autores como: Martins (1997), Sawaia (2001), Gentili (2001), entre outros, a sociedade exclui para incluir em condições precárias, desiguais, instáveis, o que significa que o termo exclusão assume dimensões relevantes no debate sobre a questão do direito, da igualdade e do acesso.

Enquanto cidadãos de direitos apregoados na Constituição Federal de 1988, artigo 5º - "Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza (...)" -, este efetivo exercício representa, em diferentes situações, não diferente na escola, o juízo de valores de superioridade e inferioridade entre grupos, camadas ou classes sociais.

As diferenças biológicas e culturais, que deveriam ser sinônimos de enriquecimento humano, têm sido traduzidas nas práticas pedagógicas em desigualdades, cuja democratização do acesso e permanência não tem sido acompanhada da democratização do conhecimento. Este hiato resulta numa perversa forma de segregar, incluindo o que tem atingido, entre tantos, também às pessoas com ne-

cessidades educacionais especiais.

As práticas pedagógicas vivenciadas numa estrutura e organização do ensino marcado pela homogeneidade de currículo, avaliação, recursos e estratégias, resultam na naturalização de ações e da rede de estereótipos e preconceitos. A passagem do sentido da igualdade é uma contradição do direito à diferença e exige repensar sobre o papel da escola, da formação docente e do acesso ao conhecimento, às tecnologias e aos direitos sociais civis e políticos. "Temos o direito a ser iguais, sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza." (Santos, Boaventura S., 2006: 462).

Avançar na construção da escola de e para todos é o desafio posto frente à equipe escolar, na amplitude de romper a linha divisória do "apartheid" educacional, cujas limitações impostas às pessoas com necessidades educacionais especiais ou não, perpetuam, criam e multiplicam os processos de exclusão ou de uma inclusão excludente.

**Marli Vizim** - docente em Sala de Apoio Pedagógico (SAP) para alunos com NEE, CAIS, Prefeitura Municipal de Diadema, em Pedagogia e pós-graduada pelo Centro Universitário Fundação Santo André e pela Faculdade Diadema. É especialista em Psicopedagogia, mestre em Educação e doutoranda pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp). Possui artigos e livros publicados, realiza cursos e assessorias.



# *De olho na saúde e na educação*

## **A importância da voz no processo de ensino do educador**

**\* Silvina Portugal**

Entre os profissionais que trabalham com a voz, o professor é o que mais precisa cuidar de suas pregas vocais, realizando um trabalho preventivo, já observando se a sua voz se modificou nos últimos tempos. É melhor nas férias, final de semana ou feriado prolongado que durante o período de aulas.

Se ao final do dia a voz está fraca, rouca, cansada, com ardência e dor na garganta, fazendo com que o educador tenha de mudar a forma de falar ou dar aula, não há tempo a perder, já são necessárias

intervenções mais sérias para a recuperação e pleno uso da voz.

Dicas para manter a voz saudável e agradável com exercícios para a prevenção, aquecimento vocal e desaquecimento serão apresentados durante a palestra, visando melhorar a saúde vocal dos participantes.

**\* Silvina Portugal** - fonoaudióloga formada pela Universidade Bandeirante SP. Especialista em voz pelo Centro de Estudo da Voz (CEV), e em audição, pelo Instituto de Estudos Avançados em Audição (IEAA) - cursando.

## **Saúde e educação para mais visão e melhor diálogo!**

**\* Sylvia Loretta Lakeland**

As dificuldades que tive de enfrentar com a perda da visão durante dez importantes anos da minha vida adulta me mostraram que podemos e devemos transformar problemas em oportunidades e, ao redefinirmos os objetivos, é possível criar novos desafios e aceitá-los com mais consciência e responsabilidade. Esta é a história da minha vida!

Cada ação que fazemos reflete em todas as pessoas, da mesma forma que somos sempre influenciados pelos atos do resto do mundo, criando assim um fluxo contínuo que, se nossas intenções forem as corretas, será sempre para construir um mundo melhor. Cada um de nós é um agente de transformação, responsável direto do mundo que queremos construir para nós e nossos filhos. É com novos paradigmas e discernimento que estaremos sempre mais conscientes na escolha certa dos caminhos para cuidar de cada

indivíduo através da educação, da formação e da orientação estratégica. Assim, desde o retorno à plena visão, tenho estimulado mudanças em cada indivíduo, na nossa sociedade e no planeta!

Com muita reflexão de natureza espiritual, filosófica, científica e com experimentação própria, plantei, em 1998, as sementes deste Projeto de Visão Holística, que já está em desenvolvimento. A ferramenta importante deste trabalho tem a ver com a prevenção, manutenção e melhora da visão das pessoas, desde os primeiros anos de nossas crianças até a fase final da vida de nossos idosos. Sempre visando melhor qualidade de vida e de visão, com muito amor e empenho!

Cuidar da visão das pessoas envolve cada um de nós, sem exceção! Vamos agir com perseverança e assumir esta responsabilidade, aqui e agora!

Finalmente, vamos entender mais sobre o crescente índice mundial de miopia nas crianças, em es-

pecial nas áreas urbanas - onde há muito mais trabalhos com uso dos olhos para perto e menos atividades ao ar livre. Mais de 40% da população americana e europeia, e de 70% a 90% em algumas populações asiáticas como Singapura, Japão e Hong-Kong, segundo o Natural Eye Care Newsletter de agosto 2008, sofrem de miopia.

Vamos descobrir e aprender a aplicar em nós mesmos estas terapias de visão, com exercícios mui-

to simples e lúdicos. Em seguida vamos ajudar a reduzir ou até mesmo eliminar tantos casos de miopia em crianças, jovens e adultos também.

*\* Sylvia Loretta Lakeland* - bióloga, professora universitária, terapeuta e orientadora, com especialização em terapias da visão, em terapias orientais e transdisciplinaridade. Trabalhou com Meir Schneider no Brasil, na Inglaterra e nos Estados Unidos. É organizadora e palestrante das Conferências Internacionais de Visão Holística. Trabalha em São Paulo e em Portugal.

## *O abuso do álcool, o culto ao corpo e a falta de perspectivas: o que está acontecendo com nossos jovens? O que a escola pode fazer?*

*\* João Guilherme Estrella*

Personagem real do best seller de Guilherme Fiuza e do filme dirigido por Mauro Lima, "Meu nome não é Johnny", sucesso de público e crítica com números expressivos, João Estrella, depois de ser páginas amarelas da "Veja", com o título de "O Sobrevivente", viaja o país fazendo palestras e debates em faculdades, colégios, empresas e Tribunais de Justiça, alertando jovens, professores, pais, juizes e empresários sobre a importância do diálogo e dos cuidados a serem tomados com as drogas.

O alcance desses encontros é enorme e os temas debatidos de forma transparente e produtiva tem grande aceitação dos alunos, professores e pais.

Os jovens gostam da sua postura e ele passa credibilidade, justamente porque saiu do mundo das dro-

gas para o caminho do "bem".

Um dado relevante foi a participação de João em um debate na Capital do país, que reuniu advogados e juizes. Neste encontro o ministro do Supremo Tribunal Federal, Marco Aurélio Melo, saiu em sua defesa diante dos ataques de juizes federais, que se referiam à sua sentença como algo inaceitável e que provavelmente se tornaria jurisprudência.

Seja através da música, da sua carreira como produtor e, agora, como palestrante, João é um exemplo claro de quem deu a volta por cima. Prova viva de que é preciso investir energia em coisas positivas, fazendo com que estes resultados apareçam e as boas escolhas se multipliquem.

*\* João Guilherme Estrella* - produtor musical e escritor.

# *Relato da cidade de Ipatinga (MG)*

## *Gestão de pessoas*

### **A gestão da escola como ambiente de aprendizagem**

\* **Ana Paula Barbosa Castro Cambraia**

\*\* **Rizolêta Maria da Guia Oliveira e Silveira**

\*\*\* **Wilma Aparecida Soares Luna**

A missão do sistema educacional é fornecer à sociedade cidadãos educados e competentes para cuidarem de si mesmos e contribuir para a sobrevivência e melhoria da própria sociedade. Assim, o sistema educacional deve estar sempre alinhado com as características e demandas da sociedade que o abriga.

O problema fundamental da educação básica regular no Brasil pode assim ser enunciado: por que os alunos da educação básica regular - exceto uma minoria - não aprendem e não sabem fazer o que deveriam conhecer e saber fazer por disciplina e série, ao longo da escolaridade, segundo vem sendo demonstrado pelo Saeb (MEC/Inep), desde 1995, nas avaliações bianuais da proficiência dos alunos da 4ª e da 8ª série do ensino fundamental e da 3ª série do ensino médio, em Língua Portuguesa e Matemática?

Buscou-se estabelecer a relação existente entre o modelo ou ausência de um modelo de gestão com os resultados negativos da aprendizagem dos alunos.

Realizou-se, na rede municipal de ensino, algumas ações visando à melhoria desses índices: as escolas reelaboraram seu projeto pedagógico, incluindo a avaliação institucional, o plano de metas e ações; asseguraram oportunidades de recuperação continuada; elaboraram o plano anual de curso com os descritores curriculares do que os alunos precisam conhecer e saber fazer, por disciplina e em cada ano do ciclo e monitoraram o desenvolvimento dos alunos por meio do portfólio do professor.

Instituiu-se a avaliação sistemática, para diagnóstico dos índices de desempenho e elaboração de es-

tratégias metodológicas; investiu-se no Centro de Formação dos educadores e monitoramento às escolas; inovou-se no processo seletivo de gestores, fixando regras, considerados mérito, desempenho e referendo da comunidade escolar.

Confirmou-se, através dos resultados, que a gestão da escola é ponto determinante do sucesso na busca da qualidade da educação pública.

É primordial, portanto, sistematizar a gestão de pessoas dentro da escola e avaliar o desempenho de todos os envolvidos no processo educacional. Cabe aos gestores, tanto das escolas como da Secretaria Municipal de Educação, lançar mão dos instrumentos de gestão e programar melhorias no planejamento estratégico dessas duas instâncias que promovem a educação no município.

\* **Ana Paula Barbosa Castro Cambraia** - pedagoga, com habilitação em Orientação Educacional, pós-graduada em Práticas Modernas de Gestão em Educação. É gerente da Seção de Ensino Formal do Departamento Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Ipatinga (MG) e co-autora do curso de preparação para candidatos a diretor e vice-diretor das escolas municipais de Ipatinga.

\*\* **Rizolêta Maria da Guia Oliveira e Silveira** - pedagoga, com habilitação em Orientação Educacional, licenciada em Letras Português/Inglês, pós-graduada em Língua Portuguesa. É diretora do Departamento Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Ipatinga (MG) e co-autora do curso de preparação para candidatos a diretor e vice-diretor das escolas municipais de Ipatinga.

\*\*\* **Wilma Aparecida Soares Luna** - pedagoga, com habilitação em Supervisão Escolar e Matérias Pedagógicas, pós-graduada em Ciências Sociais. É assessora pedagógica do Departamento Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Ipatinga (MG) e co-autora do curso de preparação para candidatos a diretor e vice-diretor das escolas municipais de Ipatinga.

# *Relato da cidade de Itanhaém (SP)*

## *Projeto Nenhum a menos...*

### *Alfabetização, direito de todos*

\* **Maria de Lourdes Carvalho**  
\*\* **Nerci de Lourdes Gomes Aquino**  
\*\*\* **Patrícia Moreira de Freitas**  
\*\*\*\* **Zélia Benatti de Souza**

O presente projeto estabelece como foco a aprendizagem, apontando resultados concretos a atingir dentro de uma perspectiva voltada à construção de conhecimento, tendo em vista, portanto, o aluno como sujeito deste processo.

Assim, o quadro diagnóstico encontrado na rede municipal de Itanhaém, em 2005, revelou uma grande defasagem no processo de aprendizagem das crianças e, portanto, no ensino da construção da base alfabética das séries iniciais do ensino fundamental, validando a importância de um trabalho pedagógico estruturado, enquanto Secretaria de Educação, Cultura e Esportes (Sece), focado, de forma gradual e inicial, no Ciclo de Alfabetização, para a melhoria da qualidade do ensino e, conseqüentemente, da aprendizagem das crianças.

A formação continuada dos profissionais envolvidos nas séries iniciais do ensino fundamental é uma das ações prioritárias neste projeto, em parceria com o programa Letra e Vida. Esse tipo de ação atende à meta a ser alcançada num futuro próximo: o avanço na aprendizagem das crianças nas séries iniciais, traz benefícios incalculáveis nas séries finais (terceiras e quartas séries), nas quais as crianças podem construir, de fato, competências leitoras e escritoras coerentes com sua idade e escolarização, reduzindo as desigualdades sociais que a falta destas competências pode acarretar.

Outra ação importante é a organização de um acompanhamento mais próximo da equipe técnica pedagógica em todas as unidades educacionais. Através destas visitas é possível realizar intervenções pontuais que atendem à demanda e/ou necessidade formativa de cada unidade educacional.

O investimento pedagógico da Sece na alfabetização das crianças das séries iniciais e a implantação do primeiro ano do ensino fundamental de nove anos em nossa rede (desde 2007) trouxeram melhorias consideráveis tanto no ponto de vista quantitativo como qualitativo.

Três situações são consideradas como inovadoras no contexto educacional da rede municipal: a aferição dos resultados e controle da evolução das hipóteses de escrita das crianças do Ciclo de Alfabetização, a elaboração dos critérios mínimos de avaliação por ano/série comuns a toda rede e acompanhamento sistemático do trabalho pedagógico de todas as unidades educacionais com registros específicos, criados e desenvolvidos pela equipe técnica pedagógica.

\* **Maria de Lourdes Carvalho** - pós-graduada em Administração de Recursos Humanos e em Língua Portuguesa, Compreensão e Produção de Textos. Professora universitária de Prática de Ensino, Didática, Psicologia da Educação e Orientação Vocacional na Universidade Federal do Espírito Santo; diretora e secretária municipal de Educação de Itanhaém-SP (2005 a 2008). Entre suas publicações na área educacional estão: "Construtivismo - fundamentos e práticas"; "Magistério: teorias e práticas" e "Filosofia: moral e ética".

\*\* **Nerci de Lourdes Gomes Aquino** - pós-graduada em Psicopedagogia, coordenadora pedagógica responsável pela 2ª série do ensino fundamental no município de Itanhaém (SP). É formadora de professores da rede municipal; monitora do curso de Pedagogia - EAD da Universidade Metodista de São Paulo; professora do curso Pedagogia Cidadã, da Unesp (2002-2005). Texto publicado no livro "Depoimentos e relatos de práticas educativas" - Unesp - 2008.

\*\*\* **Patrícia Moreira de Freitas** - pós-graduada em Psicopedagogia, coordenadora pedagógica responsável pela implantação e implementação do 1º ano do ensino fundamental de nove anos no município de Itanhaém (SP). É formadora do programa Letra e Vida - Formação de Professores Alfabetizadores. Educadora da Escola de Aplicação da Universidade de São Paulo (2006) e formadora do Programa Teia do Saber - Universidade Católica de Santos (2004).

\*\*\*\* **Zélia Benatti de Souza** - graduada em Pedagogia, coordenadora pedagógica responsável pela implantação e implementação do 2º ano do ensino fundamental de nove anos no município de Itanhaém (SP). Formadora do programa Letra e Vida - Formação de Professores Alfabetizadores e do programa Brasil Alfabetizado. Trabalhos publicados: "Dicionário ilustrado da Língua Portuguesa" e "Jogando com as letras - alfabetização e letramento (EJA) - Editora Lisa Livros Irradiantes Ltda.

**DIA 06/11 - 8h30 ÀS 12h30**

## *O professor está doente?*

### **O tao do professor**

\* **Maria Ângela Soci**

\*\* **Sérgio Soares**

A noção de saúde-doença em nossa sociedade está fortemente vinculada à compreensão científica do universo. A medicina, a educação física, a fisioterapia, a terapia ocupacional, a agronomia, a nutrição e outras tantas áreas profissionais continuam a fundamentar suas práticas quase que exclusivamente nos paradigmas da racionalidade pós-iluminista.

Em paralelo e anterior ao conhecimento que se estabelece mais fortemente na antiga Grécia está o taoísmo, que encontra em Lao Tze um dos seus primeiros compiladores. Tendo vivido há meio milênio a.C., na China, que há muito tempo já tinha se fechado para o mundo, por entender que os outros em nada poderiam colaborar para as respostas que procuravam, visão essa etnocêntrica, sem dúvida, mas expressiva da autoconfiança.

José Bizerril Neto, em seu estudo etnográfico, assim afirma:.. "ser discípulo taoísta implica a identificação voluntária com a tradição e o engajamento corporal diário em um projeto de construção de si, concebido como um "retorno à origem, a uma condição metafórica de infância, um estado de espontaneidade, completude e vitalidade. De certo modo, as técnicas corporais taoístas poderiam ser descritas como "artes da existência" ou "técnicas de si", na célebre acepção de Foucault (1998, p. 15)".

Segundo Wagner Canalonga, o "taoísmo é uma tradição espiritual milenar de origem chinesa, baseada na natureza. Dao (Tao). É, ao mesmo tempo, o caminho, o caminhante e o ato de caminhar. Filosofi-

camente, pode ser interpretado como o absoluto. O caminho taoísta propõe a restauração do estado pleno de vida e consciência, utilizando vários meios, como as práticas que promovem a boa saúde física e mental, como acupuntura, tai chi chuan, qi gong, o estudo de clássicos escritos pelos grandes mestres do passado, os métodos místicos para a restauração da ordem interna e fundamentalmente, a meditação. O princípio fundamental é o de que tudo muda, o que quer dizer que cada coisa vem a seu tempo, como as estações do ano". Esse caminho é o caminho do infinito, ou seja, um caminho que nunca termina. Apesar de um taoísta nunca alcançar uma meta final, o próprio fato de estar trilhando um caminho que não termina significa que está vivendo o caminho do infinito, ou seja, significa que alcançou seu objetivo espiritual. No taoísmo, você nunca considera que chegou no final da linha, que sua realização espiritual está terminada. Caso contrário, o caminho trilhado não seria o caminho constante".

\* **Maria Ângela Soci** - formada em 1978 no Estilo Yang Tradicional de Tai Chi Chuan, diretora da Sociedade Brasileira de Tai Chi Chuan, representante do Estilo Yang Tradicional no Brasil e na América Latina. Desenvolve, em parceria com o Hospital das Clínicas de São Paulo, pesquisas científicas sobre os benefícios do Tai Chi Chuan na saúde humana.

\*\* **Sérgio Soares** - formado em Letras e Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo (USP), em Ciências Sociais - Sociologia pela Universidade Bandeirante Paulista (Uniban) e em Pedagogia. Também é acupunturista.

# *Uma nova geração, uma nova pedagogia*

## **Somos seres sem fronteiras**

\* **Ninete Aparecida Mendes**

De repente o mundo cresceu. O planeta terra hoje está ao nosso alcance. E o ser humano se desenvolve com a mesma rapidez. Começamos a introduzir em nossas vidas termos científicos como física quântica, holografia, matizes de inteligência e nos perguntamos: O que isso tem a ver com a Educação?

O que os nossos olhos enxergam como fato real é que nossos alunos estão mudando, são diferentes. Será que perdemos alguma coisa nesta trajetória?

Cada vez mais cedo corremos para transformar nossas crianças em alunos talentosos. A aquisição de competências do mundo adulto se intensifica. São estimuladas a desenvolverem habilidades de leitura, adicionar e subtrair, identificar rostos de grandes pensadores, cada vez mais cedo e muito antes de precisarem destas informações. Estamos vivendo a sociedade dos apressados: quanto mais rápido, melhor e mais.

Diante de tantos estímulos e informações, o comportamento das crianças muda. São mais ativas, bus-

cam mais informações, são exigentes curiosas e muitas vezes até parecem estar na frente do seu tempo. E estão.

Porém, observamos que, assim que entram na adolescência, parecem cair num abismo, e aí sim vemos cristalizados nos comportamentos de oposição a falta de ética e moral. Esta é a nova geração que nos espera? Quem são eles afinal? Somos realmente seres sem fronteira; porém precisamos de limites.

Diante deste quadro surgem muitas explicações, teorias e tecnologias. Mas a que hoje me responde de forma mais coerente e lógica é a Neuroeducação, que "foi desenvolvida pensando em tornar - o ato de estudar, freqüentar a escola, ler livros, prestar atenção nas aulas, pensar, aprender coisas novas -algo muito interessante, fácil, prazeroso e ao alcance de todos" (Susan Leibig).

\* **Ninete Aparecida Mendes Rocha** - formada em Psicologia pela UniABC, pós-graduada em Psicologia Psicossomática e Educação Inclusiva. Ministra cursos e palestras, é coordenadora do Planeta Educarsol e pesquisadora.

# *Conceitos e conflitos relativos à cultura oral e escrita*

## **Comunicação EfetivAfetiva**

\* **Valéria Almeida**

A Comunicação EfetivAfetiva é minha experiência na investigação da "Comunicação Não-Violenta", desde 2002, inicialmente em Victoria - Canadá e, num segundo momento, em São Paulo, onde atuei em instituições como a Fundação Gol de Letra e a Associação Palas Athena.

"A Comunicação Não-Violenta (CNV) reconhe-

ce duas habilidades essenciais: expressar-nos de forma clara e assertiva, ao mesmo tempo em que recebemos com empatia a expressão dos outros. Ao emitir uma mensagem verbal ou não verbal, a CNV nos ajuda focalizar nossa atenção num processo de comunicação eficaz, formado de quatro etapas distintas: OBSERVAÇÃO, SENTIMENTOS, NECESSIDADES e PEDIDOS."

A CNV foi desenvolvida por Marshall B. Rosen-

berg, doutor em Psicologia Clínica, mediador internacional e fundador do Centro de Comunicação Não-Violenta.

A proposta parte da observação de que a crescente violência que nos cerca e na qual estamos inseridos, é reflexo de uma lógica de ação e relação divorciada dos nossos verdadeiros valores. Através de uma série de distinções precisas, a CNV revela como as formas culturais predominantes de nos comunicar com nós mesmos e com os outros nos levam a entrar em choque com colegas, familiares, pessoas com diferenças de opiniões ou culturas e até mesmo entrar em ciclos de emoções dolorosas. Eminentemente prática, a CNV oferece alternativas efetivas e afetivas aos confrontos em que ficamos presos à lógica destrutiva de raiva, punição, vergonha e culpa.

O coração da CNV é a dinâmica, que dá fundamento à cooperação e à harmonia - nós, seres humanos, agimos para atender às necessidades, princípios e valores humanos e universais. Assimilada à

consciência que esta constatação nos oferece, passamos a enxergar a mensagem por trás das palavras e ações dos outros e de nós mesmos, apesar da maneira como podem ter sido transmitidas. Assim, as críticas pessoais, rótulos e julgamentos dos outros, seus atos de violência física, verbal ou social, são revelados como expressões trágicas de necessidades não-atendidas.

Além de uma abordagem de clareza e mediação pessoal, a CNV possibilita mudanças estruturais no modo de encarar e organizar as relações humanas e a questão de responsabilidade, diminuindo a chance de agressões ou dinâmicas de grupo opressoras.

**\* Valéria Almeida** - educadora, graduada em Comunicação Social. Participou do Nonviolent Communication Intensive International Training e pós-graduada em Dinâmicas Corporais Terapêuticas. Aperfeiçoamento em Arte-Educação e Psicomotricidade. Atualmente focaliza curso de Introdução e Grupo de Prática em Comunicação Não-Violenta na Associação Pálas Athena em São Paulo, além de coordenar projeto para educadores de abrigos, em Guarulhos (SP).

## Conceitos e conflitos relativos à cultura oral e escrita

**\* Claudemir Belintane**

Ao tematizar as dinâmicas de aproximação e de distanciamento entre culturas oralistas e de escrita, procuramos pôr nosso foco no aluno da periferia e em seus confrontos com a escrita escolar. Pretendemos mostrar que os objetivos que visam inserir crianças e adolescentes da escola pública na leitura significativa nunca serão plenamente alcançados se não houver uma atenção especial a estas dinâmicas.

Entrecruzando estudos da história da escrita com algumas reflexões oriundas da Psicanálise e da Linguística, propomos uma abordagem do campo da alfabetização e da leitura que vai além da perspectiva construtivista ou mesmo sociointeracionista, justamente por levar em conta a oralidade brasileira, con-

textualizada a partir dos conflitos socioeconômicos.

Partindo de dados de uma pesquisa (financiada pela Fapesp) com alunos da escola pública, focando sobretudo os estudantes que, mesmo após quatro anos de escolarização, ainda não são capazes de ler um texto apropriado à sua idade., pretendemos trazer ao debate algumas hipóteses sobre esta situação de renitência subjetiva.

Detectamos que as crianças de hoje, sobretudo as oriundas de ambientes desfavorecidos (favelas e bairros periféricos), trazem para a escola um repertório oral que não condiz com o exigido pelo escolar. Do mesmo modo, percebemos nas escolas certa dificuldade dos educadores em lidar com a cultura oral destas crianças.

Nossa perspectiva leva em conta também os novos suportes e redes, as linguagens da lan house, dos

jogos, dos bate-papos, dos orkut e blogs, sobretudo a forma como elas sacodem o ensino, não só diluindo a dicotomia oral x escrita, como também apontando para crises no ensino da escrita alfabética e na utilização do suporte gráfico.

Hoje, já é possível ver nas periferias um número razoável de alunos que não consegue ler um texto completo, mas que, como qualquer outro, deixa-se ficar em um ambiente altamente cinestésico onde se entrecruzam imagens, sons, vozes, luzes e possibilidades de ações que quase não lhe exigem as habilidades básicas da leitura. Nossa reflexão pre-

tende recontextualizar rapidamente as discussões das últimas décadas acerca da memória, da equação oralidade-escrita e da evolução de seus respectivos suportes, com o objetivo de subsidiar projetos de ensino que levem em conta o conflito oralidade-escrita e sua acomodação nas redes e novos suportes.

\* **Claudemir Belintane** - professor doutor da Feusp, atua no campo do ensino de linguagem em nível de graduação (Língua Portuguesa e Alfabetização) e pós-graduação, explorando, também, as relações entre inconsciente e linguagem e as dinâmicas dos suportes de escrita, incluindo o eletrônico e as redes contemporâneas.

## *O feminino na educação: o papel do coração no tempo da razão*

### **O feminino cantado pela MPB**

\* **Marli Oliveira de Carvalho**

Cantar a história da mulher no Brasil é uma tarefa versátil, uma vez que contamos com um rico cancionário, que retrata o feminino através dos tempos, e com diversas nuances desde textos que lembram o patriarcado, até músicas que retratam a mulher como um ser em constante mudança.

A música popular brasileira (MPB) é considerada uma das produções culturais mais ricas do século XX. Atualmente, é produto de exportação, representando nosso país com legitimidade.

Cabe à escola resgatar este patrimônio, valendo-se da música como um recurso que expressa de maneira sensível a cultura do povo brasileiro, bem como um facilitador do processo ensino/aprendiza-

gem nos componentes curriculares dos ensinos fundamental e médio.

Esta palestra proporciona o repensar do processo de ensino/aprendizagem da história do Brasil e convida pensar a construção de nossa brasilidade pela análise interpretativa e contextualização histórica das letras da MPB, conhecendo os tempos e espaços pelo olhar de nossos compositores, visto que são pensadores e tradutores sociais de sua época.

\* **Marli Oliveira de Carvalho** - especialista em Metodologia no Ensino de História pela Fundação de Apoio Faculdade de Educação da USP, pesquisadora da MPB, professora de História; integrante do Grupo Referência de História, da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo; e autora do livro "Cantando a História - um método dialógico de construção dos saberes históricos na escola".



# O feminino na educação: o papel do coração no tempo da razão

\* **Ricardo Iannace**

Cecília Meireles (1901-1964) é autora de uma poesia ímpar na história da literatura brasileira. Seus versos denunciam, quer pelo estilo de composição, quer pela temática desenvolvida, olhar agudo e sensível para questões relacionadas ao enigma da vida e da morte, abrigando privilegiado senso de espiritualidade. Soma-se a tal percepção de alcance universal e à leveza de escrita, a voz competente da educadora e professora, que cria versos a fim de sublinhar conteúdos também de grandeza gramatical, destacando com especial interesse didático empregos do "x" e "ch", senão de pronomes e conjunções - é o que se lê, por exemplo, em seu antológico poema "Ou isto ou aquilo". E o faz, no entanto, sem deixar de expor as dores e os conflitos pelos quais passam, independentemente, crianças e adultos.

Importa frisar que Cecília Meireles, paralelamente à elaboração de sua vasta literatura, que compreende textos em prosa, haja vista o "Romanceiro da Inconfidência" e as inúmeras crônicas publicadas, atua no meio jornalístico e como conferencista em universidades estrangeiras. Neste momento, o pronunciamento de Cecília Meireles não se traduz apenas em emitir parecer a respeito da natureza, função e especificidades do texto literário: ela se lança em defesa

de políticas de ensino mais sérias e justas.

Logo, a autora afigura-se, no cenário de nossas letras, como personalidade importantíssima no contexto intelectual feminino. Nela, jamais "o papel do coração" esteve dissociado do papel da "razão".

\* **Ricardo Iannace** - doutor em Letras, na área de Teoria Literária e Literatura Comparada, pela Universidade de São Paulo (USP), professor da Fatec e das Universidades São Marcos e Metodista de São Paulo em cursos de graduação e pós-graduação em Língua e Literatura. É autor de "A leitora Clarice Lispector" e de diversos artigos sobre educação e literatura.

# *Direitos humanos, a cidadania, justiça e paz: vias de mão dupla*

\* Antônio Carlos Ribeiro Fester

Os direitos humanos sofrem diversos questionamentos e contradições no presente, em função do terrorismo implantado a partir de 11 de setembro e da atual crise financeira. Inicialmente, é preciso conceituar o que são direitos humanos. Fala-se deles, mas não se sabe o que são.

Os direitos necessários para a satisfação das necessidades humanas fundamentais são os chamados direitos humanos. São os direitos que garantem a dignidade e a integridade da pessoa humana. Cumpre lembrar que definem o ser humano na sua dignidade de pessoa certos atributos como igualdade, liberdade, direito fundamental à vida e subsistência em condições dignas.

No Brasil, a maior dificuldade para que tenhamos uma cultura de direitos humanos está no fato de o brasileiro não ter a menor noção do que é a igualdade. Ao contrário, somos dos países mais desiguais do mundo, quer quanto à mentalidade, quer quanto à distribuição de renda e de terras. A maior violência é a exclusão.

Dois terços da humanidade passa fome, 200 bilhões no mundo detêm mais da metade da economia mundial e mantêm os paraísos fiscais, 10 famílias controlam a mídia no Brasil. Há 50 anos um executivo ganhava quatro vezes mais que o empregado. Há 25 anos ganhava 10 vezes mais. Hoje, ganha 300 vezes mais. Quanto ganhará depois da crise deste ano, ainda não dá para saber.

Há que se trabalhar a questão de que cada ser humano é diferente do outro, jamais desigual.

A vigência dos direitos humanos passa pela justiça social, pela paz - fruto do consenso e de diálogo (jamais a paz dos túmulos ou a paz imposta) -, pela cidadania de todos e não como a atual, mero beneplácito da classe dominante, que a retira e a concede quando quer.

Para tanto, há que se mudar as mentalidades através da educação em direitos humanos. Direitos humanos devem ser uma postura, um modo de ser do indivíduo no mundo. Uma educação em direitos humanos deve ser dialógica e baseada em valores que garantam a solidariedade, a participação, a igualdade, o diálogo, a reconstrução do conhecimento e do mundo.

A democracia e a cidadania começam no cotidiano e nas atitudes pessoais e só podem ser efetivadas em âmbito social e político se houver garantia dos direitos humanos. Precisamos começar por nós mesmos, revendo nossas posturas e relacionamentos pessoais, assumindo nossos preconceitos, discriminações, nossa maneira de julgar e desqualificar os outros, antes de pretendermos ser educadores em direitos humanos.

\* Antônio Carlos Ribeiro Fester - mestre em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), escritor, educador em direitos humanos, coordenador do Projeto Educação em Direitos Humanos, pela Comissão de Justiça e Paz de São Paulo, na Secretaria Municipal de Educação (gestões Paulo Freire/Mário Sérgio Cortella). Tem lecionado direitos humanos na PUC-SP e no Instituto Sedes Sapientiae. É autor, entre outros, de Justiça e Paz - Memórias da Comissão de São Paulo (Loyola).

# *Sem limites para aprender - o educador da contemporaneidade*

\* **Umberto de Andrade Pinto**

A exposição tratará da formação de professores a partir da análise dos atuais desafios da escola pública brasileira.

Parte do entendimento que os constantes processos formativos do educador, na contemporaneidade, só fazem sentido se estiverem articulados com a complexidade da escola, no que se refere ao atendimento qualitativo das aprendizagens de seus alunos.

Para tanto, analisa os marcos históricos que sustentam o processo de universalização tardia do ensino fundamental no país. Discute o papel da escola na sociedade do não-emprego, problematizando a visão liberal que a entende como mecanismo de ascensão social. Destaca a contribuição escolar no confronto e na convivência com a diversidade humana, no que se refere à religiosidade, sexualidade, origem étnico-racial, social, cultural, e gênero. Defende a escola do conhecimento frente à sociedade

da informação, assim como frente ao esgarçamento das condições de convivência humana na sociedade de consumo.

Conclui, com o entendimento de que a escola é o espaço de desenvolvimento do pensamento racional - reflexivo de seus atores - e que, para tanto, os processos formativos docentes devem estar de acordo com a concepção de educação que os sustentam.

Nesta perspectiva, as aprendizagens dos professores, assim como dos alunos, não têm limite temporal ou espacial. Todos estão incessantemente submetidos aos processos formativos, que devem ter, na escola, o seu espaço de referência analítica e reflexiva.

\* **Umberto de Andrade Pinto** - pedagogo, com especialização em Filosofia da Educação (PUC-SP), mestre em Educação Superior (PUC-Campinas) e doutor em Educação pela Feusp. É professor adjunto de Didática na Unifesp, professor licenciado da Universidade Mackenzie e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Formação de Educadores da Feusp.

## **Formação continuada dos profissionais da educação**

\* **Cisele Ortiz**

A formação dos profissionais da educação - professores, coordenadores e diretores - tem sido o foco de muitas pesquisas e análises nos últimos tempos. A formação inicial tem se revelado deficitária quando tanto o curso de Pedagogia como os de licenciaturas não formam professores capazes de enfrentar o cotidiano escolar com sua dinâmica tão peculiar, não auxiliam o professor a entender como a criança aprende nem como ensiná-la nas diferentes áreas de conhecimento. Os cursos são excessivamente teóricos

e não articulam a teoria com a resolução de problemas da prática.

Além disso, não tratam das especificidades dos alunos colocados nos diferentes níveis de ensino: berçário, pré-escola, ensinos fundamental I e II, ensino médio e EJA. Referem-se a este aluno como se ele fosse um só e como se seus aspectos cognitivos e psicológicos não precisassem ser observados em sua faixa etária específica.

O que falar, então, da formação do coordenador pedagógico como formador? Considerando que a formação continuada é um direito do trabalhador, ga-

rantido pela LDB, por sua vez, quando acontece no interior da escola, é focada em aspectos administrativos e disciplinares, que não atendem às demandas dos professores. Os HTPCS acabam não rendendo tudo o que poderiam quanto ao tempo e ao aprofundamento de questões teóricas que poderiam subsidiar a reflexão sobre a prática.

O mesmo ocorre nos cursos generalistas oferecidos como "pacotes", que não contemplam a diversidade das questões que passam pelas salas de aula, de norte e sul de nosso país, em zonas urbanas, rurais, pantaneiras, de caatingas e de florestas. Como dar uma unidade sem perder a diversidade?

Além de reivindicarmos que as universidades, de fato, se voltem para reformular seus currículos e se preocupem em formar os professores, na concepção ampla de formação, e ao mesmo tempo a resolver os problemas específicos de "o que" e "como" ensinar, queremos também repensar a formação no interior da escola, na parceria que se forma entre diretor e

coordenador para liderar a formação de uma equipe colaborativa.

O coordenador precisa repensar e aprender a formar o professor e o professor precisa se abrir para esta formação, valorizando tanto o papel do coordenador pedagógico como dos seus pares na formação continuada.

Por outro lado, os professores também precisam ter garantias de que a fruição cultural estará ao seu alcance e o alimentarão em seu fazer, se as condições de trabalho e remuneração puderem ser efetivamente melhoradas.

O trabalho que vou apresentar pretende contribuir nesta reflexão, mostrando como uma experiência pontual pode se desdobrar e resultar numa ação formativa consistente.

\* **Cisele Ortiz** - psicóloga, especialista em educação infantil e coordenadora do Instituto Avisa Lá - Formação Continuada de Educadores

## *Múltiplas linguagens - múltiplas alfabetizações*

### **Diferentes linguagens na alfabetização**

\* **Martha Sirlene da Silva**

É no espaço escolar definido em relação à aquisição da leitura e da escrita que a criança manifestará suas diferentes linguagens, emoções, valores, seu jeito particular de ser. Linguagens muitas vezes pouco exploradas ou mesmo reprimidas.

Tratar sobre o tema alfabetização nos leva a destacar duas questões relevantes: a) quem é esta criança que frequenta a instituição pública? e b) quais as principais abordagens do ensino da alfabetização?

Em relação à criança, podemos afirmar que a escola tem dificuldade de atender, principalmente, as provenientes das camadas populares, resultantes da expansão quantitativa do ensino fundamental. Sem entender quem é este aluno real, como lidar com seus

sonhos, esperanças, desejos e necessidades?

Outra questão que destaco diz respeito à abordagem do ensino da alfabetização.

A revolução conceitual, fortemente presente, teve início com Freire, na década de 60, com sua concepção de alfabetização como ação cultural, consciência crítica e libertação dos oprimidos.

Na década de 80, as pesquisas de Ferreiro, baseadas na psicologia genética, trouxeram novas idéias sobre a compreensão do processo de aprendizagem da língua escrita, levando a uma revisão profunda das concepções do sujeito aprendiz e sua relação com a língua escrita.

Muito embora estas discussões já ocorram há mais de duas décadas, muito tem de ser estudado, pois, infelizmente, a vertente comportamentalista

ainda está presente na prática pedagógica.

Ao optar por uma proposta ou outra, o educador faz uma opção política, pois a sua ação é comprometida e sua prática pedagógica não representa atos isolados, mas articulados com o processo social.

Como falar de espaço de encantamento numa abordagem estática, condicionadora? O que defendemos é alfabetizar através de diferentes linguagens, de forma humanizadora, num ambiente ético, porque solidário; estético porque reencantado; político porque participativo.

Leitores e escritores não sendo condenados a ler com os olhos do outro, a escrever a palavra do outro, mas autoconfiantes e capazes de ler criticamente a palavra, a escrever criativamente a sua própria palavra, sem perder o encantamento, como nos diz Carlos Drummond de Andrade:

### **PALAVRA MÁGICA**

Certa palavra dorme na sombra  
de um livro raro.  
Como desencantá-la?  
É a senha da vida,  
a senha do mundo.  
Vou procurá-la.  
Vou procurá-la a vida inteira  
no mundo todo.  
Se tarda o encontro, se não a encontro,  
não desanimo, procuro sempre.  
Procuro sempre,  
e minha procura  
ficará sendo minha palavra.

\* **Martha Sirlene da Silva** - mestre em Educação pela Umesp, professora da Unib, membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Alfabetização e Letramento (Geal) da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp). É formadora de educadores e autora dos textos "Alfabetização e formação de educadores" e "Alfabetizadoras: construindo biografias educativas", refletindo sobre a leitura e a escrita".

## **Linguagem e consciência corporal**

**\* Otilia Franço**

A linguagem corporal, como um meio de comunicação não-verbal, é uma ferramenta eficaz de expressão de conteúdos físicos, emocionais e intelectuais do indivíduo.

Ao observarmos as tipologias posturais, segundo a fisioterapeuta e osteopata belga Godelieve Denys-Struyf, não com o intuito de restringir em padrões corporais, mas respeitando as individualidades, promovemos a consciência do corpo e o despertar de uma expressividade autêntica.

Esta metodologia nos proporciona elementos para a compreensão e o diálogo com as funções da linguagem corporal no processo de aprendizagem.

O psicodrama, criado por Jacob Levi Moreno, enquanto teoria de ação, discute os conceitos de espontaneidade e conserva cultural como condutores para propostas de relações em que as ações

corporais se tornem presentes em busca de processos mobilizadores de estados, espontaneidade e criatividade.

Moreno se refere à dança, à música e demais linguagens expressivas como métodos de exploração e desenvolvimento da linguagem não-verbal nas inter-relações, objetivando estabelecer uma relação orgânica entre o que é expresso verbalmente e os gestos e movimentos corporais.

Segundo especialistas, em comunicação não-verbal o corpo não mente. Seja através da postura, dos gestos, da expressão facial, a linguagem corporal é mais sincera do que as palavras.

A consciência da linguagem não-verbal torna o corpo capaz de codificar e enviar uma mensagem para o outro e ainda refletir sobre este processo, ampliando a sua comunicação para o âmbito social.

Assim, reconhecer a linguagem não-verbal é conhecer a si próprio como ser humano e, ao se expres-

sar com consciência corporal, conhecemos mais sobre nós mesmos e sobre as relações com os outros.

De uma forma ou de outra, é certo que em qualquer situação a comunicação não-verbal é inevitável. Por isso, enquanto nos basearmos em modelos e estereótipos sociais, não conheceremos verdadeiramente uns aos outros.

Portanto, ao refletirmos sobre formas e funções do corpo ampliamos o nosso potencial de gerar pro-

cessos fundamentais de identificação de imagens corporais em busca da individualidade no contexto educacional e social.

\* **Otília Françoso** - psicóloga, especialista em Psicodrama Terapêutico pelo Instituto Sedes Sapientiae. É autora dos trabalhos científicos "Psicodrama aplicado na dança" e "Dança espontânea: um encontro com o psicodrama". Atua com dança terapeuta no Espaço Rasa, é arte-educadora em dança no projeto Talentos Especiais da Secretaria Estadual de Cultura.

## *Bebês: cuidar e educar*

### **O bebê em movimento - abordagem corporal em educação**

\* **Sandra Sísia**

A organização corporal e os movimentos fundamentais do bebê desde o nascimento (sistema reto e cruzado), da função dos reflexos e a passagem para o movimento voluntário devem ser fruto da observação diária de educadores que se propõem a trabalhar com crianças de zero a três anos.

A importância das experiências motoras de qualidade, as posições de bem-estar/ mal-estar na primeira infância e da percepção do mundo através dos sentidos, para a construção dos movimentos, ao lado do ambiente favorável ao desenvolvimento, da organização dos espaços e da presença amorosa, respeito-

sa e atenta do professor diante dos cuidados diários, merecem atenção e registros, para que se possa acompanhar o desenvolvimento dos bebês e sugerir ações necessárias para um desenvolvimento saudável.

Refletiremos a respeito do papel da estimulação e a facilitação do desenvolvimento do bebê no dia-a-dia do berçário.

\* **Sandra Sísia** - fisioterapeuta pela PUC-Campinas, desenvolve atividade para crianças de zero a três anos no Berçário Espaço Singular, com vivências motoras lúdicas e de percepção corporal, que possibilitam a ampliação do universo de experiências e das habilidades corporais. Capacitação de professores garantindo interação com a criança e uma organização corporal de qualidade.

### **Bebês: linguagem e desenvolvimento**

\* **Teresa Cristina Fernandes Teixeira**

A interação social e a linguagem têm importância fundamental na constituição do sujeito na perspectiva histórico-cultural. É através da interação com o outro que a criança, reafirmando a necessidade e o prazer tipicamente humanos de expressão e comunicação, tem a possibilidade de penetrar no mun-

do simbólico através da linguagem, operando importantes trocas interpsicológicas, que permitem o trabalho de reconstrução intrapsicológica e configuram um avanço cognitivo, com a ampliação de seu universo de conhecimento. A escola, responsável pela transmissão dos bens culturais acumulados, se destaca como principal agência de formação educativa em nossa sociedade.

Neste contexto, a creche tem papel relevante para o desenvolvimento das crianças pequenas ao contemplar as dimensões do cuidar e do educar, garantindo o direito ao bem-estar, à expressão, ao movimento, à segurança, ao brincar e à aprendizagem.

Entre as formas de interação do homem com o mundo é importante destacar a atividade lúdica, que possibilita novas relações entre o campo do significado e o campo da percepção/ação, entre situações no pensamento e situações reais.

Brincar é importante para o desenvolvimento mental da criança e para a formação de sua personalidade, por ser a principal maneira de a criança aprender e avançar na construção do conhecimento sobre o mundo, o que contribui para a expansão de seus horizon-

tes em termos cognitivos e emocionais.

O contato comunicativo, ao ser valorizado nas intervenções que objetivam o cuidar/educar, propicia vivências e experiências cotidianas que favorecem o desenvolvimento e a aprendizagem da criança. É a possibilidade de interagir, de trocar experiências e de partilhar significados que ensina: o caráter pedagógico de uma atuação bem-sucedida está na postura do educador - e não a atividade em si.

\* **Teresa Cristina Fernandes Teixeira** - fonoaudióloga formada pela Faculdade de Medicina da USP, mestre em Psicologia e Educação pela Faculdade de Educação da USP (Feusp). É fonoaudióloga da Meta - Centro de Orientação, Recuperação e membro do Grupo de Pesquisa em Alfabetização e Letramento (Geal) da Feusp.

**DIA 07/11 - 8h30 ÀS 12h30**

## *Escritores e leitores não nascem prontos*

### **Leitura cura tudo**

\* **Gabriel Perissé**

Leitura cura tudo. É bom para tudo, tudo ajuda, faz de tudo. Trabalha todas as dimensões intelectuais. Exercita a atenção, a memória recente, a conexão entre fatos e experiências passadas, a linguagem, a imaginação, a capacidade de prever, a capacidade de interpretar e a intuição.

Leitura nos cura do dogmatismo e do ceticismo, do medo e da temeridade, do sentimentalismo e da insensibilidade, da falta de assunto e da verborragia, da indecisão e do fanatismo, da arrogância e da timidez.

Leitura faz bem para os músculos, para os ossos, para os olhos, para os ouvidos, para a queda de ca-

belo, para os rins, para os intestinos, para as juntas, para as costas, para as pernas, para os pés, para as mãos, para os dedos, para as unhas, para tudo.

Ler resolve problemas de visão, de solidão, de falta de recreação, de impotência, de sonolência, de implicância, de amargura, de cabeça dura, de alergia a fritura, de incultura, de postura, melhora a temperatura, aumenta a estatura, cola as fissuras, cura qualquer gastura, queima todas as gorduras.

Durante a leitura, o leitor esquece as torturas da vida, recupera o amor à vida, dá vida às novas idéias, revive vidas passadas, prevê vidas futuras, comunica vida à vida mesma.

A cada leitura o leitor sai de si, se reencontra, dá a volta ao mundo, mergulha oceanos, perfura a terra,

entra em órbita, engole nuvens, desafia o sol, abraça a lua... e tudo isso sem sair do lugar.

O leitor que lê bebe o leite, bebe o vinho, bebe o café do vizinho, bebe a cerveja, bebe de todos os rios, bebe cicuta, bebe uísque, bebe muito, bebe e cala, bebe e ouve, bebe tudo e continua sóbrio.

A leitura, sobretudo, é remédio para todos os males. Cura dor de cotovelo, dor aguda, dor cansada, dor surda, dor crônica, dor romântica, dor poética, dor dramática, dor trágica, dor da mente, dor de mente, dor da alma, dor de barriga, dor de cabeça, dor de dente, dor de peito, dor que nada respeita, dor

difusa, dor confusa, dor fantasma, dor fina, dor grossa, dor incausada, dor ousada, dor para todos os gostos e lamentos.

Leitura cura tudo. E, claro, cura até mesmo o maior de todos os problemas. Cura a própria falta de leitura! Quem lê se torna incuravelmente leitor. Afirmino isto sem o menor exagero.

**\*Gabriel Perissé** - mestre em Literatura Brasileira e doutor em Filosofia da Educação pela USP, professor do Programa de Mestrado/Doutorado da Universidade Nove de Julho (Uninove) e colaborador da Revista Língua Portuguesa. É autor de vários livros, entre eles "Ler, pensar e escrever", "Literatura & Educação" e "A arte da palavra".

## Escritores e leitores não nascem prontos

**\* Edna M. Perrotti**

Hoje, o Brasil pode se orgulhar do número de textos publicados em livros, revistas, jornais, na Internet... o que nos leva a considerar que são muitos os escritores. E, se há um expressivo número de escritores, há um grande número de leitores. As editoras não lançariam tantos novos títulos se não estivessem vendendo bem. Afinal, são empresas, também visam lucro e não publicam para permanecer no "vermelho".

Ora, se há tantos escritores e tantos leitores, por que se ouve constantemente que, no Brasil, as pessoas lêem pouco e escrevem mal? De que leitores estamos falando? A que escritores estamos nos referindo?

A exposição desta temática tem por objetivo fazer uma reflexão sobre os novos escritores e o público leitor, observando como um e outro foram construindo a sua prática de escrever e ler.

Que formação receberam os leitores de artigos, livros, jornais, textos da Internet? Como se formaram os escritores desses textos?

Quando refletimos sobre a formação do escritor e do leitor, rapidamente no osso pensamento se volta para a escola, porque temos o conceito de que é no seu interior que deve haver estímulo para ler e escrever, que é ali que ocorre o prazer de ler, que é nela que se usufrui a sensação de expressar sentimentos,

pontos de vista, de deixar solta a imaginação para criar cenários, lugares, personagens, paixões, conflitos, emoções...

E, por pensarmos desta forma, quando nos damos conta de que milhões de brasileiros não lêem e não escrevem de acordo com as expectativas, atribuímos à escola - e só a ela - o fracasso da leitura e da redação.

Se a hipótese estivesse correta, as pessoas que concluíram seus cursos, que não frequentam mais as escolas, não leriam e não escreveriam.

Quando se diz que escritores e leitores não nascem prontos, há no subtexto a idéia de que alguém precisa fazer alguma coisa para que eles fiquem prontos, que há todo um trabalho exterior ao indivíduo, que a escola precisa refletir sobre o seu papel, quando, na verdade, a construção do escritor e do leitor se dá internamente. É um trabalho de cada pessoa, que não termina nunca, mesmo porque, nenhum leitor, nenhum escritor pode ser considerado - ou pode se considerar - pronto. O texto é sempre um produto inacabado, um produto em construção.

**\* Edna Perrotti** - doutora em Lingüística Aplicada pela PUC-SP, diretora da Contexto Assessoria em Língua Portuguesa, professora de Redação dos cursos de graduação e de pós-graduação da Universidade Metodista de São Paulo e autora do livro "Superdicas para escrever bem diferentes tipos de texto".



# *A dimensão cultural e social do conhecimento matemático*

**\* Egídio Trambaiolli Neto**

A Matemática muitas vezes é vista de um modo desconexo em grande parte de seu estudo. Há uma preocupação velada em expor alguma conectividade com o cotidiano, mas muitas vezes esbarramos no óbvio, o que para muitos revela uma face evidente e desinteressante.

Os alunos do século XXI mudaram e não se contentam com uma escola obsoleta e desconexa com o mundo moderno. O estudante moderno nasceu em um mundo regado de tecnologia, convive desde cedo com DVDs, CDs, computadores, MP3, MP4, celulares, videogames, Internet, messenger, skype, enquanto os professores são obrigados a se inteirar com o novo mundo, sem receber o preparo adequado nas universidades, tampouco das escolas que os contratam.

O novo mundo estimula, de um modo diferente, o aprendizado dos alunos do século XXI. Tudo é mais interessante que a escola e seus moldes antiquados, por isso, a dificuldade de aprendizado se acentua e a

tarefa do professor se torna muito mais difícil.

Atualmente, alunos e professores falam línguas diferentes e quando tentam se comunicar, o diálogo produz uma nova Torre de Babel.

Neste sistema educacional caótico, a Matemática, que poderia ser um excelente instrumento de conectividade entre as duas realidades e um elemento facilitador para a inclusão digital, continua presa aos moldes antigos da matemática operacional e vagamente reflexiva.

É necessário fazer uma análise mais profunda da educação matemática, mudar o panorama, a ótica, o foco. É fundamental tratar a Matemática como instrumento e não meramente como objeto de estudo ou um instrumento mecânico. Desse modo, o usuário poderá utilizá-la como ferramenta multiuso e não como artifício para conseguir algo de uma forma óbvia ou penosa e pouco estimulante.

\* **Egídio Trambaiolli Neto** - pedagogo, químico, matemático, bioquímico e astrofísico. Membro do comitê executivo da Lego Educacional do Brasil, colaborador da TV Cultura e escritor.

## **As crianças e seus jogos**

**\* Marta Rabioglio**

Durante vários anos, no caminho que fazia a pé para o trabalho, passava por uma escola estadual, pouco antes de bater o sinal de entrada das aulas. Ficava encantada ao ver, em meio à balbúrdia que imperava, grupos de crianças concentradíssimas em seus jogos.

Enquanto a maioria corria e falava alto num vai e vem danado, alguns meninos, agachados, se con-

centravam num jogo de bolinhas de gude, calculando distância e direção necessárias para atingir uma bolinha adversária ou acertar o buraco. Outro grupo de meninas, bem próximo, jogava cinco marias, com sua longa e variada seqüência de movimentos, alheias à desordem e barulheira ao redor. Havia ainda crianças batendo figurinha ou pulando elástico e amarelinha.

Ficava me perguntando se a professora tinha a dimensão desse conhecimento sociocultural, que

podia ser transformado em matemática na sala de aula. Imaginava trabalhar geometria, propondo aos estudantes que desenhassem o campo do jogo e representassem uma partida, mostrando com setas o movimento das bolinhas. Podiam registrar a sequência de jogadas com os saquinhos ou de pulos no elástico, ou ainda riscar a amarelinha no chão e representá-la no papel. Noções como região, vizinhança, medidas, formas geométricas, proporcionalidade, sequência numérica, além de toda a aritmética envolvida na contagem dos pontos, podiam ser compreendidas a partir daí.

Jogar em grupo supõe, ainda, seguir regras e construir estratégias, num diálogo constante com o jogo e os colegas, que envolve argumentação, negociação e tomadas de decisão.

É certo que este vasto repertório de jogos, carac-

terístico da infância, tem se reduzido por diferentes razões, tão bem conhecidas por todos, como a falta de uma rua segura para brincar, o confinamento em apartamentos ou mini-casas, com livre acesso à televisão e ao computador e a atual falta de tempo geral.

A escola passou a ser - por oferecer segurança, espaço e bons parceiros - o melhor lugar para o resgate dos jogos e brincadeiras tradicionais, bem como para a introdução de novos jogos, que muito contribuem para a aprendizagem de conceitos matemáticos.

\* **Marta Rabioglio** - pedagoga e mestre em educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp). É autora de diversos materiais pára-didáticos na área de jogos e situações-problema voltados à educação matemática. Atua na formação continuada de professores em Matemática.

## *Novas tendências no ensino de Ciências*

### **Antigos desafios e novas tecnologias no ensino de Ciências**

\* **Alfonso Gomes Paiva**

Antes de discutir as novas tecnologias para o ensino de Ciências, é importante refletir sobre as concepções de ensino que permearam a área ao longo de sua história. Cachapuz (2000) realizou um estudo sobre as perspectivas de ensino de Ciências nos últimos 40 anos e concluiu que as mesmas se distribuíram ao longo do tempo em um movimento em espiral, partindo de uma visão de ensino instrucional, que valoriza os conhecimentos e as informações, para uma visão educacional, preocupada em desenvolver uma série de competências no estudante. Competência entendida como a capacidade do indivíduo de mobilizar todos os tipos de saberes para solucionar situações-problema que melhor lhe convenham, como propõem alguns pesquisadores.

Essa visão mais educacional do ensino de Ciências parte do pressuposto de que existem outros conteúdos importantes a serem ensinados na escola básica além dos conhecimentos de cada Ciência. Isso mostra que as concepções de ensino de Ciências acompanham as transformações sociais, as quais se expressam nas mudanças conceituais de educação e de ensino.

No mundo atual, informação e conhecimento não são mais suficientes para atender às necessidades sociais. É necessário outros saberes como os apontados por César Coll (1996), como o saber fazer e o saber ser. Para que o indivíduo possa sobreviver no mundo contemporâneo, a sociedade exige dele, tanto como profissional como cidadão, um conjunto de habilidades e atitudes, que podem ser desenvolvidas na escola.

Alguns pesquisadores em ensino de Ciências propõem uma série de habilidades e atitudes que a disciplina pode desenvolver no estudante.

Assim, o uso das novas tecnologias precisa incorporar as pesquisas na área, evitando que novas ferramentas sejam acompanhadas de velhas concepções de ensino, o que nada contribui para o estudante contemporâneo. Neste sentido, as novas tecnologias devem:

- a) cumprir o papel social do ensino de Ciências;
- b) desenvolver diferentes habilidades e atitudes científicas;
- c) trabalhar a relação Ciência, tecnologia e sociedade;

- d) considerar os conhecimentos prévios dos alunos;
- e) propor situações-problema para que o aluno investigue;
- f) considerar o erro como etapa do processo de aprendizagem;
- g) promover a cooperação entre os alunos;
- h) socializar na sala os saberes adquiridos pelos alunos durante o processo de aprendizagem.

\* **Alfonso Gomes Paiva** - químico pela Universidade Ibirapuera e mestre em ensino de Ciências pela Universidade São Paulo (USP). Coordenou o PIAAC - Programa de Investigação e Apoio à Alfabetização Científica, é professor na área de metodologia e prática de ensino de Ciências e coordenador de Extensão da Universidade Ibirapuera, desenvolve estudos na área de formação de professores, prática docente e currículo de Ciências.

## Novas tendências no ensino de Ciências

\* **Maria Otilia José M. Mathias**

A função da educação na atualidade é viabilizar a formação de uma sociedade educada, instruída por meio dos conhecimentos acumulados, comprometida com a dimensão social e política. Uma educação que vá ao encontro de seus cidadãos, envolvendo a todos. A sociedade pós-moderna ou do conhecimento faz com que a ciência seja um instrumento privilegiado para a compreensão da realidade.

A indústria moderna se constrói a partir da inovação sistemática, promovida pelo avanço da ciência e da tecnologia. A agricultura é impulsionada pela introdução de novas tecnologias e também absorve as influências dos conhecimentos científicos efetivados no campo da botânica e demais áreas das Ciências Biológicas. Esses conhecimentos fomentam debates no campo da ciência e da reflexão filosófica de valores, solicitando da sociedade um posicionamento.

Desta forma, a crescente aplicação da ciência e da tecnologia à vida traz a necessidade da alfabetização científica, que promove o aprendizado dos con-

ceitos básicos da ciência como fundamento da educação para a cidadania, que possibilita ao homem comum acesso à realidade que o cerca, a compreendendo e a transformando.

À marginalidade do analfabeto funcional ou não, com relação ao código escrito (linguagem escrita), agora se acrescenta a do "analfabeto científico", isto é, o conhecimento popular não é mais suficiente para explicar e compreender a realidade na qual vivemos.

A história já demonstrou que o processo de industrialização, que no pós-guerra foi tido como objetivo dos países emergentes, no século XXI cede lugar ao processo de desenvolvimento do conhecimento pelo qual se gera a riqueza. Os países emergentes asiáticos utilizam a educação como fator para a melhoria da qualidade de vida de suas populações, como também a consideram como dimensão determinante na valorização de sua produção.

A economia japonesa se desenvolve na qualificação dos conhecimentos científicos, tendo como objetivos centrais a inovação, a criatividade e a qualidade de seus produtos. Com essas visões, a educa-

ção é o fator que desenvolve nas crianças e nos jovens a habilidade de ver o mundo sempre de uma forma nova, em busca de soluções novas para velhos e novos problemas. O importante é possibilitar o desenvolvimento da capacidade de criar e inovar, e não de memorizar velhas fórmulas e/ou conceitos ainda que tenham se mostrado eficientes no passado.

As crianças e os jovens, da educação básica e do ensino superior, por meio da alfabetização científica, devem olhar para o futuro como um caminho de oportunidade. É preciso atribuir novo significado à função da educação e da escola, que não pode mais ser considerada uma etapa obrigatória na vida do cidadão, mas uma busca contínua no aperfeiçoamento da vida pessoal e profissional.

O professor se encontra na encruzilhada entre a educação tradicional, que valorizava e ainda valoriza a memorização dos conteúdos para reproduzi-los, e a educação moderna, na qual as utopias de ontem se tornaram realidades de hoje e as expectativas de uma vida melhor são a todo tempo superadas. Neste cenário, o ensino de Ciências exige dos educadores

inovações pedagógicas, com base no avanço da didática das ciências para a construção de uma nova relação entre a escola e a sociedade. Nesta perspectiva, o ensino por investigação - aprendizagem baseada em problemas, projetos de trabalho e soluções de problemas -, com a construção de hipóteses e seus testes, características da produção na ciência, tem de ser objeto de estudo dos docentes diante da necessidade premente da alfabetização científica.

Esta alfabetização é a "travessia que liga a escola à sociedade", sendo os conhecimentos científicos ferramentas que possibilitam aos envolvidos no processo educacional compreenderem a realidade na qual vivem, se tornando atores do processo de melhoria da qualidade de vida.

*\* Maria Otília José M. Mathias* - doutora em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) - Programa de Psicologia da Educação. Mestre em Educação e Currículo e Graduada em Pedagogia também pela PUC-SP. Bacharel e Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). É docente da PUC-SP na Faculdade de Educação, nos cursos de Pedagogia, Geografia e Ciências Biológicas.

## *Novas tendências no ensino de História*

### **Novos paradigmas para o ensino de História na virada do século: educação histórica e consciência histórica**

*\* Maria Lima*

As últimas duas décadas têm sido muito frutíferas no que tange à produção de reflexões sobre o ensino de História. No meio acadêmico, ele vem se consolidando como área de conhecimento específico na docência e na pesquisa.

As pesquisas têm proposto novas abordagens e dado forma à idéia de educação histórica, calcada no fazer do historiador e focada no objetivo do de-

envolvimento da consciência histórica.

Nesta palestra, pretendo dar uma visão geral desta produção e apresentar o conceito de consciência histórica forjado por Jörn Rüsen, para avaliar a aprendizagem em História para além do domínio de fatos, datas e conceitos.

*\* Maria Lima* - doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp), graduada em História USP, professora universitária em cursos de Pedagogia e História, autora de livros didáticos de História.

# A história e suas tendências em diversos períodos e os grandes debates diante das novas perspectivas no século XXI

\* Margarida Marques

Refletir sobre a escritura da história significa se perguntar sobre as origens de nossa civilização e, sem dúvida, é em função de cada situação presente que cada geração olha de maneira diversa. A história desempenha um papel importante na construção das identidades coletivas e das sociedades humanas.

Neste sentido, a história em que somos herdeiros nasceu no século V a.C., na Grécia, por Heródoto, que passa a relatar as guerras médicas.

Porém, na Idade Média a história se coloca como disciplina erudita. Nasce nas sombras dos mosteiros medievais, com menor importância e intimamente ligada à religião, estabelecendo uma relação estreita com a moral, por meio de um discurso edificante.

No entanto, no século XII, o desenvolvimento das cidades e o enriquecimento da população, mudam consideravelmente o contexto da produção histórica.

Com a invenção da imprensa no século XV e, posteriormente, com a grande difusão de livros, as bibliotecas se abrem a um público maior.

No século XVIII, os elementos que contribuíram para a renovação da história, consistiam, inicialmente, na construção do sistema monárquico e, mais tarde, na necessidade de se construir uma memória coletiva que atendesse aos interesses da política do Estado.

No século XIX, o estudo da história é excessivamente centralizado em torno da história nacional e os historiadores admitiram o seu interesse pela história no sentido de reencontrar suas convicções. Por outro lado, a tese marxista fundamentava que o materialismo histórico formava a base sobre a qual se erguia o edifício da ciência das relações materiais da vida.

A partir do século XX, se levantam protestos contra a tradição historiográfica da escola metódica.

Neste cenário, frente a uma posição crítica, surge a História Nova, cuja criação pretendia exercer uma liderança intelectual na área da história social e econômica...

A visão contemporânea da construção histórica abrangeu, inclusive, a geografia social, propiciando um debate sobre uma nova perspectiva, realizado pelo geógrafo Milton Santos.

Neste contexto, a temática exige audácia do pensamento, de modo a romper o fechamento da lógica político-econômica, sempre constante em nossas análises.

A História, como ciência de transformação, necessita refletir sempre a respeito de si mesma e, através dela, tornar mais compreensível o tempo presente.

\* **Margarida Marques** - formada em História pela PUC-SP, em Pedagogia pela Uninove, pós-graduada em Psicopedagogia pela Unip, mestre pela Mackenzie e doutora pela Unesp. É professora, coordenadora e supervisora da rede de escolas Sesi, professora de História da rede municipal de ensino de São Paulo, capacitadora do curso de formação PEC do Estado de São Paulo e orientadora do curso de Pedagogia Cidadã da Unesp.

# Qual língua estrangeira estudar?

## Sobre a oferta do espanhol na escola brasileira

\* **Fernanda dos Santos Castellano Rodrigues**

Esta intervenção tem como principal objetivo discutir determinados aspectos acerca da implementação da língua espanhola como disciplina de "oferta obrigatória" no ensino médio e "recomendada" no ensino fundamental para as escolas de todo o país.

Considerando a política lingüística como parte do que do campo de atuação das políticas públicas (Varela, 2005), centramos a nossa análise na avaliação do papel do Estado como gestor, tanto da consecução como da implementação de uma política que instaure o ensino de espanhol nas escolas brasileiras.

Num primeiro momento, faremos algumas considerações sobre o processo de produção da Lei nº 11.161, sancionada em agosto de 2005 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Mostraremos como a textualidade legal desta norma jurídica evidencia uma série de particularidades que não apenas dificultam a sua interpretação - no sentido de que se tomem as

providências cabíveis para sua execução -, mas também instauram determinadas contradições que, do ponto de vista com o qual as avaliamos, promovem a desigualdade e acentuam as diferenças já tão evidentes entre o sistema público e o privado de ensino no Brasil.

Já num segundo momento, colocaremos em discussão as formas como vêm sendo conduzidas certas políticas públicas que o aparato estatal tem mobilizado, no sentido de cumprir prazos e determinações desta lei, no que tange à execução de documentos legais como as Orientações Curriculares e a formação de professores.

\* **Fernanda dos Santos Castellano Rodrigues** - docente do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), doutoranda e mestre em Língua Espanhola pela Universidade de São Paulo (USP). Desenvolve pesquisas no campo da Política Lingüística, tanto no que se refere à história das legislações brasileiras sobre as línguas estrangeiras como à implementação do espanhol como idioma obrigatório a partir de 2010.

## Aprender com alegria e prazer

\* **Sonia Sánchez**

"Qual língua estrangeira estudar?" - Inglês e Espanhol, é claro. Porém, a questão que mais nos preocupa é: "Qual é a melhor forma de ensinar e de aprender um novo idioma?"

Diante da vida estressada de hoje, o cidadão reage com medo, ansiedade e mau humor e este estado emocional negativo fecha o seu coração, tornando-se uma trava, um escudo que dificulta o ato de aprender.

O mau humor destrói toda perspectiva de sucesso e de realização criativa. Uma pessoa mal-humora-

da libera mais adrenalina, noradrenalina e corticóide no sangue, provocando a diminuição dos glóbulos brancos e, portanto, queda na imunidade, o que facilita o aparecimento de doenças. A tristeza e o pessimismo produzem desgastes psicológicos que impedem um bom aproveitamento nos estudos.

Um ditado chinês diz que, para ser saudável, deve-se rir pelo menos 30 vezes por dia. Uma pessoa, do momento em que nasce até os seis anos de idade, ri cerca de 300 vezes por dia. Mas, na medida em que cresce, o ser humano perde a capacidade de achar graça nas coisas. Quando adultos, mesmo

sendo risonhos, não atingimos 100 risadas ao longo do dia.

O homem é o único animal que ri de verdade e isto faz parte da nossa natureza. Após muitos estudos científicos sobre o riso e a saúde, está se aplicando a "terapia do riso" em diversas partes do mundo.

Com alegria e arte podemos vencer facilmente as nossas limitações, deixando fluir o nosso potencial criador para aflorarem as nossas melhores idéias e pensamentos. Uma simples gargalhada interfere, de forma direta, na vasodilatação e na eliminação das coraças musculares e mentais. Quando estamos alegres, a química cerebral produz importantes substâncias, como as endorfinas, que geram bem-estar mental, físico e espiritual.

Na área da educação, desde 1996, a nossa escola inovou o ensino de idiomas com seu método pioneiro, utilizando, de forma didática e planejada, a terapia do riso, a arte (cinema, teatro, música ao vivo

etc.) e muitas outras técnicas de ensino.

Para nós, cada aula é uma obra de arte, a ser esculpida constantemente. Através de nosso método, o aluno perde os traumas que bloqueiam o seu aprendizado, pois ele aprende o novo idioma de forma muito agradável, divertindo-se. Nossa experiência mostra que quanto mais leve, alegre, artística, participativa e dinâmica for uma aula, melhor será o aproveitamento do aluno e mais fácil se tornará o processo de aprendizagem, com excelentes resultados no final de cada curso.

\* **Sonia Sánchez** - licenciada em História pela USP, com diploma superior em Espanhol pela Universidade de Salamanca, Espanha. É cantora, musicista, atriz, compositora, escritora e diretora do Projeto Inglês e Espanhol para São Paulo.

## *O resgate de uma educação com alma*

### **Sonhos na escola**

**\* Roberto Gambini**

Nosso tema é educação e sonho. Ora, sonho e educação sempre estiveram separados, porque inconsciente e aprendizado sempre foram províncias estrangeiras. Se tomarmos o dicionário de psicanálise de La Planché e Pontalis, verificaremos que lá não consta a palavra inteligência. E se consultarmos a obra de Piaget não encontraremos com muita frequência a palavra inconsciente, como se não houvesse uma relação fundamental entre inteligência e inconsciente.

Acredito que se vier a ocorrer algum salto quântico no campo da educação, ele advirá não da elaboração de mais uma teoria racionalizante, mas da capacidade de abirmos as portas da percepção para as

experiências acumuladas em cem anos de psicoterapia e começaremos a refletir sobre uma possível articulação entre a educação e os processos que ocorrem no inconsciente.

O ponto básico desta idéia é que o inconsciente cria a predisposição para aprender. Não só para aprender, na verdade, o inconsciente abre ou fecha o próprio acesso à experiência da vida. Qualquer espaço da vida que se tome em consideração estará sempre determinado por uma constelação inconsciente favorável ou desfavorável, de modo que o aprendizado, tomado como um dos aspectos da experiência humana, depende de uma porta aberta no inconsciente para que possa ocorrer.

Outra idéia - as utopias me atraem -, é que deve-

ríamos questionar se realmente não aprendemos só e quando aquilo que é novo e desconhecido corresponde a um conteúdo ativado no inconsciente. No trabalho analítico esse fenômeno pode ser claramente percebido: o símbolo ou o tema, trazidos por um sonho, imediatamente iluminam e motivam uma conversa entre terapeuta e paciente. Uma conversa irrigada pela qualidade do conteúdo inconsciente que veio à tona sempre faz sentido e é genuína.

\* **Roberto Gambini** - analista pelo Instituto C.G., em Zurique, na Suíça; cientista social pela Universidade de São Paulo (USP), com mestrado pela Universidade de Chicago. Atualmente, trabalha como analista e tem ministrado palestras no Brasil e em vários países. É membro da Sociedade Suíça e da Sociedade Internacional de Psicologia Analítica. Autor dos livros "Outros 500: uma conversa sobre a alma brasileira", em co-autoria com a jornalista Lucy Dias, São Paulo: Ed. Senac, 1999; e "O espelho índio: a formação da identidade brasileira", São Paulo: Ed. Terceiro Nome e Axis Mundi, 2000. Foi professor na Unicamp e na Escola de Administração Getúlio Vargas.

## Arte infantil e arte adulta: diálogo inevitável

\* **Rosa Iavelberg**

A arte da criança foi alvo da pesquisa de diferentes profissionais desde meados do século 19. Esta palestra tem como objetivo refletir a respeito das mudanças nas concepções que caracterizaram o olhar sobre as interações entre a arte da infância e a dos artistas, observando alguns aspectos históricos desta trajetória.

A documentação da arte da criança foi feita por artistas, educadores e psicólogos. A partir do fim do século 19, encontramos textos escritos e investigações.

No final dos séculos 20 (a partir dos anos 80) e 21, a relação entre a arte da infância e a produção adulta foi admitida entre arte-educadores da tendência contemporânea.

Conhecer os trabalhos desenvolvidos ao longo da história em arte na educação das crianças e dos jovens e as orientações e reflexões artísticas, estéticas e didáticas dos educadores contribui para a observação do ensino da arte na contemporaneidade e, sobretudo, promove o olhar para a história da educação em arte de crianças e jovens.

Um dos pioneiros da história do ensino da arte para crianças e jovens, marco dos seus primórdios, foi Franz Cizek (1865-1946), que viveu e foi pintor e

professor de jovens, em Viena, na Industrial Art School, na primeira década do século 20.

As experiências brasileiras acompanharam as propostas mais avançadas da arte/educação.

Por fim, acreditamos que conhecer recortes da história do ensino da arte para crianças em sua relação com a arte adulta pode estimular os profissionais de educação em Arte em direção às propostas que visam à reorientação da arte na educação, como forma de recuperação do sentido da escola e do desejo de estudar.

\* **Rosa Iavelberg** - professora doutora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp) e diretora do Centro Universitário Maria Antonia (USP). É autora dos livros "Para gostar de aprender arte e "Desenho cultivado da criança: prática e formação de educadores".



# Que educador a sociedade espera?

\* Celso dos S. Vasconcellos

O educador que a sociedade espera é aquele que ajuda a escola a cumprir a sua função social de propiciar a aprendizagem dos saberes fundamentais (tendo como referência um projeto libertador), o desenvolvimento humano pleno e a "docta gaudium" (a alegria crítica) de cada um e de todos os educandos. Certamente, este educador não está pronto e se produz histórico-culturalmente.

Temos a convicção de que, para mudar a educação, o professor tem um papel absolutamente fundamental, isto é, qualquer que seja a alteração a ser feita, passa, necessariamente, por ele. Por isso, o docente tem de ser cuidado, resgatado em seu valor e dignidade. Este resgate implica em aspectos básicos como salário, condições de trabalho, valorização social e em um elemento muito relevante que é a formação.

Mas, até que ponto há clareza desta necessidade? Afinal, a atividade docente é uma prática banal, trivial (para a qual se pode preparar em poucas centenas de horas e não se precisa cuidar muito das condições), ou, ao contrário, é uma prática da ordem do complexo? Naturalmente, é necessário resgatarmos aqui a nossa compreensão da atividade do professor:

se é para ser um simples tomador de conta de aluno, um 'dador' de aula, um mero transmissor, um piloto de livro didático ou de apostila padronizada (cf. Educação Bancária), então, de fato, é trivial (e qualquer um pode vir a exercê-la...). Muitas instituições formadoras passam uma visão reducionista da atividade docente, de maneira que o professor recém-formado se considera um "especialista", não sendo raro encontrarmos uma postura até arrogante, quando em alguns casos sequer há o domínio dos conteúdos básicos a serem ministrados em sala (Imprinting Escolar).

Todavia, se por professor entendemos aquele sujeito que está inserido no processo de humanização, que faz a educação por meio do ensino, que está implicado na tarefa de propiciar a apropriação crítica, criativa, duradoura e significativa da herança cultural (em termos conceituais, procedimentais e atitudinais), como mediação para a construção da consciência, do caráter e da cidadania plena de cada um e de todos, então, certamente, estamos diante de uma das atividades mais complexas do ser humano, que exige uma competência muito maior!

\* Celso dos S. Vasconcellos - doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), diretor do Libertad - Centro de Pesquisa e Formação

## Os desafios da contemporaneidade: exigências para uma nova escola

\* Fátima Camargo

As dificuldades que a escola enfrenta na atualidade não dizem respeito a ela particularmente, mas, caracterizam questões mais amplas, históricas, sociais e culturais e que estão fora das instituições de ensino apesar de estarem dentro delas, invadindo-as permanentemente. Na medida em que a escola não é uma unidade independente do seu entorno, é impos-

sível analisá-la a despeito do seu contexto. Pelo contrário, temos de pensar a escola como parte desta composição social para pensarmos o papel que ela deve desempenhar dentro deste universo mais amplo.

As questões que hoje se colocam para a escola são extremamente difíceis, porque são produzidas num universo social complexo e novo, em relação àquilo que já vimos ou que aprendemos como sendo

a forma correta de ser das coisas.

A escola é produto da modernidade. A modernidade instituiu um projeto de Homem, um advir de Homem a ser constituído: o sujeito da razão. Para constituí-lo, a modernidade cria a infância, como o advir da maturidade iluminada pela razão, e a escola para formá-la. À família, também a esta altura constituída, coube o espaço da moralização e da iniciação social dos pequenos, espaço inaugural de formação dos sujeitos e da sociedade moderna.

Não vivemos mais na modernidade. Hoje, vivemos a pós-modernidade. A sociedade mudou em todos os âmbitos: econômico, cultural e social. O tempo se acelera e perdemos a memória do vivido. Hoje, tudo ocorre em tempo real. Costumamos dizer com frequência: "vamos formar o aluno do futuro". Entretanto, é impossível saber o que vai ser o futuro...

A vida mudou em todos os âmbitos em 30 anos, mais do que em três séculos, e promete mudar cada vez mais. A pós-modernidade dotou o nosso tempo de velocidade, de permanente mudança e de uma

efemeridade absurda. Não há certeza de nada. Vivemos num momento absolutamente impreciso, no qual somos chamados a aprender o que a modernidade não nos ensinou, ou seja, a lidar com a dúvida, com a falta de certezas, com a ausência de respostas e verdades absolutas.

Para a escola, está sendo muito difícil esta mudança. Na verdade, se pensarmos no que se passa no cotidiano da escola, percebemos uma dinâmica distante dos paradigmas que nos formaram: razão, verdade, precisão, previsibilidade e respostas para tudo. Não nos habituamos, na escola, a fazer perguntas, mas a querer respostas, porque, historicamente, nos constituímos desta forma, fomos fundados com estes valores, brigamos pela objetividade e por certezas as quais, permanentemente, possam nos assegurar. Contudo, são valores que hoje parecem ruir.

\* **Fátima Camargo** - formada em História e Pedagogia, é mestre em Didática pela Universidade de São Paulo (USP).

## *Educação física: contribuições para a formação da humanidade*

### **Contribuições da Educação Física para a humanidade**

\* **Daniela Moraes Scoss**

Muito se discute sobre os benefícios que a Educação Física propicia ao ser humano. Para grande parte da população, a idéia que se tem em relação à área está relacionada ao corpo ou ao desempenho e à estética.

Ao corpo, quando imaginamos a Educação Física como educação do corpo ou do movimento; ao desempenho, quando pensamos em desenvolvimento das habilidades, capacidades, entre tantos outros; e à estética, que em grande parte se deve à ação da mídia.

Mais do que tudo isso, a Educação Física é considerada como um meio educativo privilegiado, pois abrange a totalidade do ser, objetivando o equilíbrio, a ação através da aptidão física e o desenvolvimento de valores morais.

Segundo os PCNs, na aula de Educação Física o professor deve desenvolver atividades relacionadas aos jogos, esportes, lutas, atividades rítmicas e expressivas, ginásticas, como também conhecimentos sobre o corpo.

O que muitas vezes esquecemos é que a Educação Física, por si só, já é sinônimo de prazer para os

alunos, que aguardam ansiosamente a chegada do professor. Eles irão mudar de ambiente, trabalhar com movimentos e conteúdos que podem lhes dar autonomia para uma prática caracterizada por uma ligação de satisfação.

Analisando alguns dos possíveis conteúdos das aulas, temos a brincadeira, que está associada à diversão e à liberdade de ação. É uma atividade em que o participante controla totalmente a sua prática e não está submetido a nenhuma organização situada acima de seus interesses. Já no jogo é possível verificar a existência de uma sistematização de regras fixas. Ele simboliza, de certa forma, a perda da espontaneidade absoluta que existia na brincadeira, em troca de uma ordem estruturada. O esporte incorpora elementos do jogo, mas se situa além dele. Estaria caracterizado na Educação

Física, pela aprendizagem de modalidades.

Vendo por este lado, como não afirmar que a Educação Física tem contribuições significativas para a humanidade?

Johan Huizinga, filósofo holandês, em sua obra "Homo ludens", de 1938, argumenta que o jogo é uma categoria absolutamente primária da vida, tão essencial quanto o raciocínio do homo sapiens e a fabricação de objetos do homo faber, então a denominação homo ludens, quer dizer que o elemento lúdico está na base do surgimento e desenvolvimento da civilização.

\* **Daniela Moraes Scoss** - formada em Educação Física pela USP, especialista em Gestão de Processos Comunicacionais e mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. É professora do Centro Universitário Italo Brasileiro (Unifitalo).

## Educação Física: contribuições para a formação da humanidade

**\* Vânia Maria Cavallari**

A maioria das escolas tem como um dos mais queridos educadores o professor de Educação Física. Este, por sua vez, inspira no educando uma confiança inigualável, pois, desde a educação infantil até o ensino médio, trabalha com a possibilidade de aumentar o repertório motor das crianças por meio de atividades lúdicas, da percepção, força e resistência.

O jogo propicia ao ser humano mostrar-se verdadeiro, sem máscaras, transformando assim "quem" joga.

Sendo o jogo objeto de estudo da Educação Física, observamos algo bem interessante: quando jogamos estamos ao mesmo tempo articulando nosso PENSAR, SENTIR E MOVIMENTAR.

O movimento é uma resposta a algum estímulo recebido pelos órgãos dos sentidos, o que nos faz pensar e reagir imediatamente. Porém, todo jogo ou esporte precisa de regras para ter boa organização, que podem ser construídas junto com os par-

ticipantes. Esta atitude permite a todos compartilhar as decisões.

Daí fica a seguinte questão: na Educação Física escolar devemos dar mais ênfase ao esporte ou à educação? Minha opinião a este respeito é muito clara e objetiva: não devemos descartar a possibilidade de ensinar o esporte, seja ele qual for, como conteúdo da Educação Física, mas o jogo, a recreação e a brincadeira podem e devem fazer parte integrante desta disciplina.

O exercício, quando oferecido com carinho e criatividade, proporciona aos educandos um condicionamento físico satisfatório, a todas as faixas etárias. Quando surge uma bola, por exemplo, imediatamente todos se envolvem sem medo de fazer parcerias, inventando alguma forma de jogar.

A motricidade desenvolvida em nossa vida diária nos auxilia a obter as habilidades necessárias para um jogo.

Olhando a Educação Física por outra perspectiva e prestando atenção no desempenho da criança

durante o seu desenvolvimento, percebemos que sem fadiga e com orgulho cada aluno vai se tornando um vencedor, aceitando críticas, superando seus limites, cuidando de sua saúde, sem brigas com seus amigos e sabendo utilizar o seu poder, na dose certa, com amor, em busca de vitória e sucesso na vida.

Talvez esta seja uma das grandes ferramentas existentes para a formação integral dos seres humanos. O profissional da Educação Física deve estar atento a tudo isso, lembrando da importância

de sua participação e contribuição na transformação da humanidade.

**\* Vânia Maria Cavallari** - pós-graduada em Jogos Cooperativos, Psicomotricidade, Recreação e Lazer e Neuroeducação; graduada em Educação Física, docente da disciplina Recreação Escolar no curso de Licenciatura em Educação Física, Fundamentos Metodológicos e Práticos do Ensino de Educação Física no curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Italo Brasileiro, palestrante nas áreas de Recursos Humanos, Educação e Educação Física.

É autora do livro: "Recreação em ação" e co-autora de "Virando o jogo da educação: moral e ética em ação na escola"

## ***Medicalização das dificuldades escolares: um alerta para os professores***

**\* Beatriz de Paula Souza**

**\*\* Fernanda Pereira Gonçalves**

**\*\*\* Maria Aparecida Affonso Moysés**

Assistimos a uma onda crescente de diagnósticos de polêmicos distúrbios de aprendizagem nos meios educacionais, principalmente dislexia e hiperatividade. Em uma onda massificante, crianças com comportamentos diferenciados dos esperados pela escola e a sociedade são tidas como responsáveis únicas por seu comportamento "desviante". Desconsidera-se o processo e o ambiente (condições escolares, familiares etc.) em que seu comportamento se produziu. A identificação e a resolução de graves dificuldades no funcionamento do sistema de ensino perdem terreno para a patologização dos alunos que espelham tais dificuldades.

Cresce, em uma velocidade impressionante, o mercado de especialistas e a venda de medicamentos - como a Ritalina - bastante perigosos. Uma forte movimentação política procura abrir espaço para o avanço desses mercados sobre as verbas públicas, inclusive da Educação.

Pouquíssimas pessoas sabem que há discordâncias no meio especializado, inclusive entre médicos, acerca da dislexia e da hiperatividade. Não se divul-

ga, principalmente na mídia, que muitos consideram que a conceituação desses ditos transtornos de aprendizagem é frágil, fundada em experimentos sem rigor científico e resultados de exames realizados em condições que induzem os seus resultados. Isto ocorre menos em outros países, como os Estados Unidos, a Inglaterra e a Argentina, onde o movimento contestatório é maior.

A partir da Psicologia, da Medicina e da Pedagogia, propomos aos educadores que reflitam sobre o seu importante papel frente ao avanço da medicalização, zelando por suas competências, pela educação e saúde dos seus alunos.

**\* Beatriz de Paula Souza** - mestre em Psicologia Escolar pelo Instituto de Psicologia da USP, membro Grupo Interinstitucional Queixa Escolar, do Grupo Interinstitucional contra a Medicalização da Infância e da Adolescência e do Serviço de Psicologia Escolar da USP. É autora de diversos artigos e organizadora de livros como "Orientação à queixa escolar" (Ed. Casa do Psicólogo)

**\*\* Fernanda Pereira Gonçalves** - professora titular de educação infantil da rede municipal de ensino de São Paulo, psicóloga pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e membro do Grupo Interinstitucional Queixa Escolar.

**\*\*\* Maria Aparecida Affonso Moysés** - médica e doutora em Pediatria pela Universidade de São Paulo (USP), livre docente em Pediatria Social pela Unicamp. É professora titular de Pediatria Social na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp e possui vários artigos científicos publicados em revistas reconhecidas, inclusive nas áreas de Educação e Psicologia.

# O direito humano dos jovens e adultos à educação

\* **Maria Clara Di Piero**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) compreende, hoje, um conjunto variado de processos formais e informais de aprendizagem pelos quais as pessoas enriquecem seus conhecimentos, cultura e qualificações profissionais para satisfazer as necessidades individuais ou coletivas. Nesta perspectiva (adotada na V Conferência Internacional de Educação de Adultos e expressa na Declaração de Hamburgo de 1997), a educação, ao longo da vida, é chave para a conquista e garantia de outros direitos. Tem como objetivos desenvolver a autonomia e o sentido de responsabilidade das pessoas e comunidades para enfrentar as rápidas transformações socioeconômicas e culturais pelas quais passa o mundo atual, estimulando o convívio tolerante e a participação criativa e consciente dos cidadãos na construção e manutenção de sociedades democráticas e pacíficas.

Tais aprendizagens e práticas sociais são mediadas pela escrita e outras tecnologias e códigos culturais da modernidade que cabem à escola básica difundir. Por esta razão, no Brasil - onde há 14 milhões de analfabetos absolutos e 67 milhões de pessoas com escolaridade reduzida e de baixa qualidade - a EJA se confunde com a reparação dos direitos à alfabetização e à escolarização elementar, violados na infância

e adolescência. Entretanto, menos de 10% dos jovens e adultos analfabetos ou com poucos anos de estudo fruem oportunidades de escolarização. O desrespeito aos direitos educativos dos jovens e adultos resulta, sobretudo, da postergação do tema nas políticas governamentais.

No caso brasileiro, a própria construção do marco jurídico, que reconhece o direito dos jovens e adultos à educação básica (Constituição Federal de 1988, Lei de Diretrizes de Bases, de 1996; Diretrizes Curriculares Nacionais, de 2000; e Plano Nacional de Educação, de 2001) só pode ser apropriadamente compreendida à luz da história dos movimentos pela educação popular, cuja origem remonta à década de 60, e que encontra sua expressão recente nos movimentos de alfabetização e nos fóruns de EJA.

Assim, as políticas públicas de educação do período recente (como os programas Brasil Alfabetizado, Projovem, Proeja, Pronera e a inclusão da modalidade no Fundeb) serão analisadas com o objetivo de atualizar a agenda de lutas dos movimentos sociais pelo direito humano à educação na juventude e na vida adulta.

\* **Maria Clara Di Piero** - licenciada pela Universidade de São Paulo (USP), mestre e doutora em Educação pela PUC-SP, docente da Faculdade de Educação da USP (Feusp). É diretora da organização não-governamental Ação Educativa e co-autora de "Preconceito contra o analfabeto" e "Alfabetização de jovens e adultos no Brasil".

## O direito à identidade de alfabetizado

\* **Maria de Lourdes Valino**

Historicamente, o Brasil tem apresentado uma dívida educacional para com parte significativa de seus cidadãos. Recentemente, jovens e adultos, com pouca ou nenhuma escolaridade, adquiriram, finalmente, direito à educação. Se por um lado este fato representa uma possibilidade de resgatar a consciência de dignidade para estes brasileiros, por outro lado,

abre-se um leque de preocupações, desde a efetivação desta modalidade de ensino até a construção interna da leitura e da escrita, passando pela transformação da identidade destes alunos. Na ponta do processo está o educador da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que tem, neste particularíssimo caso, um importante papel a desempenhar.

O direito humano à educação de jovens e adultos passa, necessariamente, pelo exercício subjetivo

de transformar a antiga identidade de analfabeto, construída ao longo de toda uma vida, em identidade de alfabetizado, se assumindo como alguém que tem o direito de ler e de escrever.

\* **Maria de Lourdes Valino** - mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp), docente da Universidade de Cruzeiro do Sul e membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (Geal).

## *Relato da cidade de Goiânia (GO)* *Formação continuada dos profissionais de educação*

### **Prêmio Inovação - Prefeitura do Município de Goiânia**

\* **Márcia Pereira Carvalho**

\*\* **Abigail Rodrigues Linhares Rezende**

\*\*\* **Maria Valeska Lopes Viana**

A política de formação continuada da rede municipal de educação de Goiânia é compreendida como um aperfeiçoamento profissional, capaz de promover a reflexão na e sobre a prática docente, auxiliando o professor a compreender os limites e possibilidades de sua atuação no contexto histórico e social no qual a escola está inserida. É uma ação intencionalmente planejada, que tem como objetivo mobilizar os conhecimentos da docência (científicos, pedagógicos e da experiência), com intuito de provocar problematizações e mudanças no trabalho do professor e contribuir qualitativamente para a tomada de decisões no seu dia-a-dia.

O trabalho docente se constitui no eixo orientador para a realização deste processo formativo. Assim, na formação continuada a experiência e os conhecimentos advindos da prática docente são problematizados à luz dos conhecimentos científicos e pedagógicos, motivando o professor a investigar sua prática e intervir diferentemente na realidade educacional, com a finalidade de promover a aprendizagem significativa dos alunos.

As ações de formação continuada da rede municipal de educação de Goiânia são desenvolvidas a partir dos conhecimentos que integram o trabalho do professor: científicos, pedagógicos e a prática docente. Conhecimentos científicos são aqueles específi-

cos à epistemologia da área de conhecimento trabalhada. Os pedagógicos se referem aos conhecimentos teóricos necessários para a atuação docente. A prática docente se refere aos conhecimentos tácitos da experiência e que se relacionam às estratégias educativas e metodologias de ensino e, ainda, com a transposição dos conhecimentos científicos e pedagógicos para a atuação docente.

Por meio deste enfoque, busca-se auxiliar os profissionais de educação a transformarem orientações teóricas em metodológicas, já que todas as decisões docentes têm suporte nas teorias que informam a prática educativa. A política de formação continuada da rede municipal de educação de Goiânia está voltada, portanto, para a construção da profissionalização e da identidade docente a partir do vínculo qualitativo com o trabalho educativo, sem perder de vista a condição histórica na qual é realizado.

\* **Márcia Pereira Carvalho** - secretária municipal de Educação de Goiânia, é licenciada em Pedagogia, com especialização em Orientação Educacional e Administração Escolar pela Universidade Católica de Goiás. Mestranda em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente, pela UniEvangélica; especializações em Psicopedagogia (Universo), Planejamento Educacional, Supervisão Escolar (UCG), Orientação Educacional (UCG), Gestão Pública (Fubrae) e Administração Escolar (Universo).

\*\* **Abigail Rodrigues Linhares Rezende** - pedagoga pela Universidade Católica de Goiás, especialista em Métodos e Técnicas de Ensino pela Universo e diretora do Centro de Formação dos Profissionais da Educação da Rede Municipal de Educação de Goiânia.

\*\*\* **Maria Valeska Lopes Viana** - pedagoga, especialista em Metodologia do Ensino Superior e, mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás. É coordenadora pedagógica do Centro de Formação dos Profissionais da Educação da Rede Municipal de Educação de Goiânia.